

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1.470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES (Direcção: O. 3.185
Redacção: O. 3.184
Endereço telegrafico: DIBOA

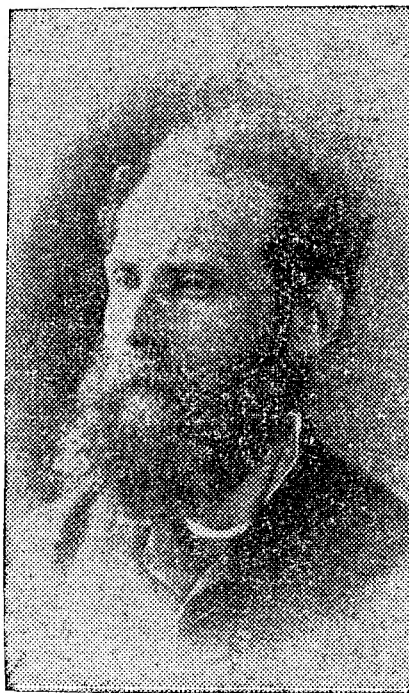
ANTERO

escreve

A OLIVEIRA MARTINS

Caro Amigo:—

Deve ter estranhado não ter recebido ainda os n.ºs do *Popular* com os meus folhetins a respeito do seu livro. Encarecidamente lhe peço me desculpe. Sei q. é uma obrigação q. tenho a cumprir, não só por termos ficado n'isso, mas sobretudo, independentemente da nossa amizade, pela minha posição de publicista-socialista a respeito de um qualquer livro que se intitula *Theoria do Socialismo*. Mas, se eu tenho o sentimento imperioso dos meus deveres, o



ANTERO DE QUENTAL

que não tenho infelizmente (por ora, espero vir a te-la) é a escolha do momento em que os cumpra: não é quando eu quero, mas quando *não sei que quer*. E' deploravel isto, mas tenho notado ultimamente q. não é oppondo-me de frente ao meu desgraçado temperamento que hei-de vencer, mas sim *tadeando-o*, transigindo rasoavelmente com elle e como q. por meio de mutuos compromissos entre a natureza e a razão: só assim me transformarei com o tempo, até fazer o meu *quero* subjectivo e ingerte uma vontade objectiva e real.

Vem tudo isto para lhe dizer q. o que eu temia se realizou, isto é o periodico ataque d'aquella minha enfermidade moral (e physiologica também, penso eu) que não sei que nome tenha, entorpecimento, somnambulismo, mysticismo, ou como melhor se lhe possa chamar, mas q. constitue um como estado de alienação, tanto mais doloroso quanto tenho plena consciencia d'elle, sem lhe poder resistir de cara. Verdade é que essa mesma consciencia me impede também de me abandonar e deixar-me invadir completamente: sigo o desenvolvimento do mal, não o posso atalhar, mas posso ao menos evitar tudo quanto o favoreça, quanto lhe dê alimento. Isso faço, e p'isso são-me preciosos os seus conselhos: fugir da *reverie*, pensar, estudar. Tenho alcançado este inverno uma assignalada vantagem que vem a ser, se esperar o meu espirito de meu temperamento, e reduzir o que costumava ser ataque de *mysticismo* a

simples ataque de *inercia*, *frouxidão* intellectual e debilidade extrema de vontade. E' pouco, mas é o mais q. logro, empregando quanto esforço em mim cabe. O q. vejo claramente é que, debaixo do facto moral ha um facto physiologico, e contra esse não posso eu nada, não posso impedir que a *inteligencia activa e criadora* adormeça fatalmente durante certos periodos, porque assim está na natureza do meu cerebro, nem q. a vontade *objectiva e realisadora* diminua correlativamente.

Aqui está, amigo, a razão porque tenho, ha bons vinte dias, em cima da meza, o seu livro, e, ao pé d'ele, algumas folhas de papel em branco que esperam, melancolicas, o momento em q. me volte a inspiração e a vontade, e q. todos os dias me lembram o cumprimento dos meus deveres, sem q. eu lhes possa responder senão com crise, e volvemos depois ao trabalho com mais animo e força. Não me esquecem as minhas obrigações, o q. porem não está na minha mão é marcar o dia e hora em q. as cumpra. Paciencia.

Depois d'isto, escusado será dizer-lhe q. o meu *Programa* dorme ha mais d'um mez com o somno pesado d'um animal q. hiberna. Mas n'esse somno não haverá sonho, alguma forma de vida latente, e uma concentração de força q. se armazena para rebontar depois com inercia? Sinto, com effeito, o meu espirito, apesar do somnambulismo actual, vai sempre ruminando e dispondo insensivelmente certas ideas, alargando certos pontos de vista, obscuramente é verdade, e quasi sem consciencia (passivamente e com que *hauté*) mas com uma surda continuidade q. não pode ser de todo infecunda—q. até seja talvez uma phase necessaria da evolução do pensamento.

Adeus.

17 de dezembro de 1873.

seu do c.

Anthero.

COMPLETA hoje o seu 4.º aniversario o *Diário de Lisboa*—motivo por que o dia de hoje foi de festa para todos os que tão dedicadamente têm trabalhado para o seu exito.

Não nos desvanecemos com os triunfos alcançados, senão na medida em que nos podem incitar a ter fé no futuro da Patria.

Apesar de algumas horas de febre e luta em que o nosso esforço foi posto á prova, sentimos-nos animados a novos cometimentos. Ao publico que nos lê e nos afirma diariamente a sua simpatia só devemos reconhecimento.

A todos os nossos colegas da imprensa enviamos saudações de leal camaradagem.

Os testemunhos de amizade que hoje recebemos agradecemos. Tocam-nos tão intimamente que não temos palavras para os agradecer.

* * *

NO comboio da noite, partiram ontem para Espanha o notavel *caballista* D. Antonio Cañero, o grande pintor Ricardo Marin e sua esposa e o nosso querido camarada Rogerio Garcia Perez, a quem os seus amigos do *Diário de Lisboa* ofereceram um jantar de despedida.

Na *gare* estiveram o director e os redactores do *Diário de Lisboa* e alguns dos melhores nomes da nossa sociedade e da nossa *aficion*.

* * *

OSOLDADO licenciado Anibal Augusto Mithais, conhecido pelo *Mithões*, encontra-se em Lisboa, e subiu ao nosso jornal a cumprimentar-nos. O valoroso militar, que tem nome simples, não se esqueceu das pessoas que o acarinharam o ano passado, e pede-nos que saudemos os seus amigos em seu nome.

* * *

A CARTA de Antero do Quental a Oliveira Martins, que hoje publicamos, tem um altissimo interesse pela luz que derrama sobre a personalidade do poeta, no momento em que a doença começava a converter-se para ele num obstaculo para o seu pensamento e para a sua acção exterior.

* * *

DEU-NOS hoje o prazer da sua visita, para nos cumprimentar pelo aniversario do *Diário de Lisboa*, o nosso querido amigo sr. dr. Augusto de Castro, illustre ministro de Portugal junto do Vaticano que parte amanhã para Roma, a ocupar o seu posto.

* * *

ONOSSO amigo sr. dr. Carlos de Melo partiu ha dias para a Alemanha, onde se vai sujeitar a um tratamento especial.

Desejamos que o illustre clinico seja bem sucedido e que regresse em breve ao convívio dos seus amigos.

* * *

PARTIU hoje para Villa do Conde, onde foi passar as feras da Pascoa, o nosso querido amigo e brilhante escritor sr. dr. Jorge de Faria.

* * *

PASSA hoje o quarto aniversario do nosso prezado colega *Correio da Manhã*, a quem apresentamos cumprimentos.

* * *

ESTÃO abertos concursos para o provimento dos logares vagos, nos quadros das repartições de contrastaria.

OPRINCIPE de Teck e conde de Athlone, que substituiu ha pouco tempo o duque de Connaught no alto cargo representativo do governador geral da União, foi pessoalmente a bordo do *Republica* navio-chefe da divisão naval que anda fazendo o periplo de Africa, retribuir a visita do comandante Bacelar, deferencia que ainda não teve precedente em navios estrangeiros que têm visitado o Cabo.

A sua nobre figura desempenada, com um boné branco de penacho vermelho a ondear ao vento, passou por entre a guarda de honra, ao som da marcha de continencia, tendo trocado com o comandante Bacelar algumas palavras protocolares de boa amizade.

Em resposta aos agradecimentos que lhe foram transmitidos pelo Comodoro, o principe de Teck enviou para bordo do «Republica» o seguinte radio:

«Recebi a vossa comunicação e foi-me agradável saber que aos vossos officiais e marinheiros se tornou aprazível a permanencia na Cidade do Cabo. Todos nós sentimos grande satisfação em ter-vos recebido aqui e devo igualmente congratular-me convosco pela exemplar conduta dos marinheiros da Divisão Naval, que eleva o bom nome da Nação Portuguesa. Desejo-vos boa viagem.»

Como vêm, as autoridades da União dispensaram um belo acolhimento aos marinheiros portugueses, que tiveram ocasião de admirar durante a sua estada no Cabo da Boa Esperança—tão diferente do Cabo Tormentoso de Bartolomeu Dias!—o esforço maravilhoso da colonização inglesa.

Contudo, não devemos ter ilusões acerca desta amizade protocolar, que hoje nos abre os braços com um sorriso amavel e amanhã nos mostra os dentes de uma maneira hostil.

* * *

REUNIU SE hoje, na Biblioteca Nacional, a União Intellectual Portuguesa, comparecendo grande numero de socios que, entre outros assuntos, se occuparam da serie de conferencias sobre materias da actualidade, que começará, no dia 16 d'este mês, no Salão do Teatro de S. Carlos.

A primeira occupar-se-ha de *João Sebastião Bach*, tomando parte nela, um falando e o outro executando, Viana da Mota, o grande mestre de piano, e Francisco de Lacerda, o illustre director de orchestra e promotor do ensino de ritmica entre nós.

A segunda será de Teixeira de Pascoais, o alto poeta da elegia e do mysticismo da raça, que tratará da *Questão Social e a Questão Moral*.

Deve realizar-se no dia 23 do corrente.

Os outros conferentes serão Reinaldo dos Santos, Antonio Sergio, Agostinho de Campos, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortezão, Carlos Selvagem e Joaquim Manso.

Os bilhetes vendem-se na livraria Aillaud.

* * *

FERNANDA de Castro, a illustre poetisa da «Cidade em Fôr», acaba de publicar, em colaboração com Tereza Leitão de Barros, outra poetisa de valor, um delicioso livro para crianças, intitulado «Varinha de Condão». O livro é illustrado por artistas de categoria, como Raquel Roque Gameiro, Maria Roque Gameiro, Cottinelli Telmo, Rocha Vieira, Stuart de Carvahais, Martins Barata, etc.

Dado o interesse com que são procurados nas livrarias os livros infantis, deve ter uma excelente venda o presente livrinho, escrito com sinceridade e simplicidade e duma forma que ha de prender a attenção delicada das crianças.

Uma carta

O livro português em França

Do nosso amigo sr. José Osório de Castro recebemos, em resposta ao sr. Albino Forjaz de Sampaio, a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade: — Se a carta do sr. A. F. de S. não me imputasse erros de facto, erros que não cometi, eu não viria importunar o «Diário de Lisboa». Começo da mesma maneira que aquele senhor porque quero seguir passo a passo a sua lição. Eu não queria que o sr. Sampaio fizesse um Dicionário. Queria que citasse Ana de Castro Osório. Quer a minha mãe? Não. Por ter quatro livros traduzidos e não um simples soneto. Haverá mais autores tão traduzidos? É possível, mas eu não curo de interesses alheios. Cada um que se defenda como eu defendo os interesses de minha mãe, que são, para mim, mais do que se fosse meus.

O sr. Sampaio sabe muito bem o que eu quize dizer quando escrevi que minha mãe está sendo voluntariamente esquecida «talvez por causa de ter dois filhos que são escritores também». Sabe, mas finge que não, porque lhe convém levantar a suspeita de que meu irmão (João de Castro) e eu nos julamos com um valor literário capaz de fazer esquecer o nome de nossa mãe. O nosso valor está fora da discussão e o sr. Sampaio, trazendo para ela, veio comprovar apenas o que eu quize dizer, isto é, que tendo-se meu irmão recusado sempre a dar ao sr. Sampaio qualquer prova de consideração literária e tendo eu cortado, há uns poucos de anos, as relações que com o sr. Sampaio mantive, aquele senhor quize tirar de nós a única vingança que nos poderia magoar: — o esquecimento de nossa mãe.

Agradeço ao sr. Sampaio a homenagem que presta à obra de minha mãe. Ela não desfaz, no entanto, a impressão que eu tenho de que minha mãe está sendo voluntariamente esquecida. Só pela razão de ter dois filhos que, além de serem literatos, têm com os outros literatos as atitudes que muito bem entendem? Não. Há ainda a política, embora isso já não se refira ao sr. Sampaio, nem venha agora para aqui. Aquele senhor quero dizer apenas, sobre a primeira parte da sua carta, mais isto: — nem meu irmão nem eu aceitamos lições de admiração por nossa mãe.

Quanto à lição, que me pretende dar, acerca dos lusófilos tenho a responder, matematicamente: 1.º — que sei muito bem que o soneto «Ao cair da folha» do sr. Sampaio, foi traduzido em todas as línguas do mundo e mais uma; 2.º — que existe na Alemanha, e está até fazendo uma antologia das literaturas brasileira e portuguesa, um Victor Björkman; 3.º — que a existência deste Björkman na Alemanha não impede que tenha existido na Suécia o meu illustre e chorado amigo Goran Björkman; 4.º — que não ignoro ter existido na Alemanha Wilhem Störck e que lá existe D. Luíza Ey que sei estar fazendo obra idêntica à de Victor Björkman, o que não impede que este também a faça e que nela inclua o «Ao cair da folha» do sr. Sampaio; 5.º — que considero D. Carolina Michaelis uma portuguesa; 6.º — que só me quize referir a vivos e sem pretensões de fazer um Dicionário; 7.º — que não conheço «A Cronica», mas conheço quasi todos os lusófilos modernos, até 1904, como lho posso provar e sem consultar mais do que a memória; 8.º — que conheço ainda quasi todos os lusófilos contemporâneos, de 1904 para cá, dentre os quais lhe posso indicar, como possíveis tradutores do «Ao cair da folha», além de Victor Björkman na Alemanha e dos outros que citi na minha primeira carta, François Bous, na Tcheco-Slováquia; Carl Kjerfveier, na Dinamarca, e ainda outros na Espanha, na França, na Itália, na Inglaterra e noutros países mais.

Por isto e pelo mais que lhe direi e especificarei, se quizer, pode o sr. A. F. de Sampaio verificar que é difícil dar-me lições e que lhas pode dar este que tinha três anos quando o sr. Sampaio já era traduzido.

Agradeço-te, meu caro Alvaro de Andrade, a publicação desta carta e peço-te me creias sempre teu camarada muito amigo e admirador, José Osório de Oliveira.

CARTAZ

EATROS

S. Carlos — A's 21.30 — «O Sinal de Alarma».
Nacional — A's 21.15 — «O Abade Constantino».
Trindade — A's 21.15 — «As Tangerinas Azuis».
S. Luís — A's 21.30 — 2.º concerto de Maria Barrientes e Tomás Terán.
Politeama — A's 21.30 — «A Mascareta».
Avenida — A's 21.15 — «La Marina» e 1.º acto de concerto.
Apolo — Não ha espectáculo.
Maria Vitória — Não ha espectáculo.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectáculo.
Idem — A's 20.45 — Variedades e animatograto.
Salão Foz — A's 20.45 — Variedades e cinema.
Salão Alhambra — A's 21 — Variedades.

Chapeus Modelos

OS MAIS CHICS são os da MANON
Rua João Crisóstomo, 15, 1.
Telefone N. 5551

Aos Accionistas e Obrigacionistas

DA

Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa

Ao comercio

Aos meus amigos

Ao publico em geral

TENDO SIDO detido, em 5 de Julho do passado ano, a requisição e sob responsabilidade dos srs. Adelino Ferraz Costa, director do Banco Commercial do Porto, Carlos Mendonça, director do Banco Aliança e do advogado, no Porto, José da Mota Marques Junior, sob a acusação de ter desviado haveres da Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, no valor de Escudos 2.000.000\$00 (dois mil contos),

Para que os accionistas e obrigacionistas da Companhia, o Comercio, os meus Amigos e o Publico em Geral, possam bem apreciar a veracidade de tudo quanto publiquei na Imprensa, o valor real dos contratos que firmei em Haya, em Maio de 1924 e a injustiça do acto violento contra mim praticado, venho declarar em publico, sem mais comentarios o seguinte:

a) Que os haveres da Companhia estavam applicados em 21.000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola com conhecimento da mesma.

b) Que as referidas 21.000 acções estavam vendidas ao preço de libra 1 cada acção a um Sindicato da Holanda, presidido pelo ex.^{mo} sr. Adolpho Heunis, socio da firma Marang e Collignon, de Haya, o qual chegou a Lisboa precisamente no dia da minha detenção.

c) Que o Conselho de Administração da Companhia sabia perfeitamente que o sr. Adolpho Heunis chegava a Lisboa nessa data e que vinha liquidar as 21.000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola.

d) Que o Sindicato Holandês, apesar da campanha que contra mim fizeram os meus acusadores e «mais interessados», continuou prestando-me a sua confiança e solidariedade, firmando novos acordos e entregando em 9 de Março p. p., á firma Alves Reis, Limitada, o numerario indispensavel para cumprimento integral dos seus contratos.

e) Que deposei no Banco Nacional Ultramarino, do Porto, á ordem da Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, Escudos 2.100.000\$00 (dois mil e cem contos) importância representativa do contra valor de 21.000 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola, lb. 1 cada acção, ao cambio fixo de Escudos 100\$00 por libra.

f) Que a violencia contra mim praticada causou prejuizos á Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, na importância de Escudos 1.115.000\$00 (mil cento e quinze contos) devido á valorisação do Escudo.

g) Que tendo sido reintegrado no cargo de Administrador da Companhia por sentença do meretissimo Juiz Presidente do Tribunal do Comercio do Porto, logo que cheguei de Haya e fui á Companhia para pedir a minha demissão (19 de Fevereiro p. p.) fiz a liquidção no Banco Nacional Ultramarino, do Porto, do cheque de dollars 5.000.

h) Que por dever de lialdade espero que a Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez de Africa, publicamente confirme o deposito que fiz á sua ordem no Banco Nacional Ultramarino, do Porto.

(a) Alves Reis.

“O SINAL DE ALARME” EM S. CARLOS



Os artistas Mario Santo, Amelia Pereira, Maria de Vasconcelos, Lucilla Simões e Samwell Biniz, numa das mais engraçadas scenas do 1.º acto, da graciosissima comedia de Hannequin e Coelus, que ha quinze dias tem levado a S. Carlos enchentes completas

Dr. José de Padua

Consultas das 3 ás 5 h.

Coração e pulmões — Raios X — Avenida, 18

Dr. Alberto de Mendonça

Doenças de garganta, nariz e ouvidos

Consultas das 4 ás 6

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquette, D. Leonor de Almeida Coutinho de Lemos (Seizo), D. Maria Isabel de Varenha Monteiro de Mendonça, D. Julia de Castelo Branco de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D. Maria Beatriz Centeno Gorgão Henriques, D. Maria Teresa Santos Leitão e D. Margarida Maria de Faria Teixeira Bastos.

E os srs.:

Conde de Azevedo, Amancio Cayola Zagalo, Jorge Zileri Dal Verme e Pedro de Magalhães Van Zeler.

— Fez ontem anos o nosso amigo sr. João Fonseca Duarte.

Um aniversario

Passa hoje mais um aniversario do casamento do nosso querido amigo sr. Antonio Vieira Pinto com a senhora D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, a quem, por esse motivo, endereçamos os nossos cumprimentos.

Casamentos

Para o sr. Manuel Vieira dos Reis, filho da sr.^a D. Emilia de Jesus Reis e do sr. Manuel Vieira dos Reis, já falecidos, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Guilhermina Jaidiou de Muñoz Cardoso, a sr.^a D. Fernanda Cardoso Lopes, filha da sr.^a D. Emilia Cardoso Lopes e do sr. Francisco Lopes, já falecidos.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

Noites de arte

No S. Luis

Assistencia elegante ao primeiro concerto da notavel cantora Maria Barrientes e do celebre pianista Tomás Terán:

Condessa de Planas Soares, madame Cantilo e filhas, madame Perez Acebedo e filha, madame Lafayette de Carvalho e Silva, madame Ficesvitch, duquesa de Palmela, marquesa de Gouveia, condessas de Arcos, de Taboira, de Calhariz e de Atalaya, D. Berta Ortigão Ramos, D. Peneveva de Lima Mayer Ulrich, D. Elisa Baptista de Sousa Pedrosa, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Maria Perestrelo d'Orey, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e filha, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Emilia Macieira Lino, madame Herrera y Raissig, D. Eponina Mackee, D. Paulina Schindler, madame Ferrari de Vasconcelos, D. Rita de Sá Pais do Amaral de Castelo Branco, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Maria das Dores Cysneiros Machado da Cruz, (Queluz) D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Maria Isabel Perestrelo d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Monica de Almeida e Vasconcelos, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho Pereira de Melo, D. Margarida Cambon Brandão, D. Margarida Barbosa Meyreles de Almeida, D. Maria José da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria Luíza Braga de Magalhães, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Decolinda Roda da Fonseca, D. Maria de Sando Ayres de Campos (Ameal), D. Maria da Conceição Plácido Torres Pereira, madame Abraham de Carvalho, D. Laura Moraes de Carvalho, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Luíza e D. Maria Clementina de Vilhena Magalhães Cutinho, D. Maria Carlota Alves de Carvalho, D. Maria Padilha, D. Maria Adelaide Burnay Franco Cardoso (Marco), D. Berta Cambon, D. Maria Luíza de Carvalho, D. Virginia Luíza Cardoso, etc.

Em viagem

Parte hoje á noite para S. Vicente da Beira o sr. dr. José Freire da Cunha Pignatelli.

— Acompanhado de sua esposa, partiu para as suas propriedades em Cavez, no Minho, o engenheiro sr. Luiz da Costa Amorim.

PARA A PASCOA DE 1925

DEVE V. EX.^a VISITAR A
PERFUMARIA

Rosa d'Ouro

ONDE ENCONTRARÁ
A MAIS BONITA COLEÇÃO DE
BRINDES

de um bom gosto sem reservas

⇒(=)

279, RUA DO OURO, 281

Telefone N. 2873

RETRATOS D'ARTE PHOTOGRAPHIA BRASIL R. DA ESCOLA POLITECNICA, 141

CASA DOS TAPETES E CARPETTES

TAPETES E CARPETTES

DO ORIENTE

25, Calçada do Carmo, 25

PAGINA ANTIGA

Guerra Junqueiro

mostra o seu amor às cousas de arte e às suas colecções
numa hora de conversa cheia de pessimismo



GUERRA JUNQUEIRO

Quiz o destino que tivesse sido assim. Eu saía da redacção, onde fizera a primeira visita depois de um período de doença, quando no começo da escada lo-briguei subindo o dr. Guerra Junqueiro. Chovia; ele não trazia sobretudo e vinha, apesar do automovel que o dr. Gonçalves Teixeira lhe cedera, um pouco molhado. O Mestre logo me pareceu preocupado. Não o via eu desde uma tarde de tiros e correrias na Baixa, destas coisas por causa da politica, e que não têm data, uma tarde em que lhe dei o meu braço um pouco para seu amparo, muito para eu me sentir no seu convívio, mais perto, nestes minutos fogozos que são extase espiritual para homens que vivem na sede do verbo idealista.

O dr. Guerra Junqueiro perguntou sucessivamente por todos os nomes que fazem a vida deste jornal. Infelizmente nenhum estava. Não eram horas. Apenas eu. E fiz conduzir o poeta, que sobrava um chapéu de chuva e uns jornais: *A Luta*, *A Manhã* e o *Et Soli*. Sentou-se num «fauteuil», a sua luneta premindo o nariz adunco, o cordão negro em seda passado por entre a barba revolta, com fios brancos e castanhos, alguns de ouro sujo e outros de negro teimoso.

—Mas doutor, se v. ex.^a consente em transmitir-me algum desejo eu fá-lo-hei chegar...

O poeta, cujos olhos no momento da calma das ideias tem expressões vagas de olhos de criança, traz consigo uma exaltação dominada, e abrindo o seu propósito, diz-me:

—Venho aqui por causa desta inqualificável historia do leilão! Ter eu necessidade de vir explicar publicamente o meu viver intimo, de expôr os meus negocios particulares!

O caso foi que um negociador de antiguidades que possuía alguns trastes velhos ou ceramicas de que o dr. Guerra Junqueiro se desfez ha tempo por necessidade de limpar qualquer casa, especulou com essa circumstancia para levar clientela ao seu balcão. Mas fê-lo tão comercialmente que o abuso do nome illustre do poeta indignou todos os artistas e homens de letras, e foi isso que tornou possível a nota d'*A Manhã*. Da minha boca escuta o poeta maximo a confissão, a justificação clara, jornalística, da publicação que o irritára. E das palavras francas com que defendi a leve ironia, a mal disfarçada irreverencia do comentario, recebe o mestre, assim o supuz, como que uma oportunidade para mostrar o seu desgosto pelos epitetos com que o têm cognominado alguns homens pela vida fóra.

Numa tarde de começo de primavera humida, chuvosa, triste—faz agora sete anos—chegava eu á minha casa de Campolide, para jantar e fazer o meu artigo de todos os dias, para *A Manhã*, meu jornal nesse tempo, quando, ao entrar no meu gabinete de trabalho, entre surpreso e honrado, dei com a presença de Guerra Junqueiro, enfiado numa poltrona velha.

Vinha pedir-me para não publicar o relato de uma conversa que eu tivera com ele, na vespera, no jornal, e ele sabia que já estava escrita para sair no domingo seguinte.

Mostrei o artigo, li-o por alto. Achou certo. Mas pediu, pediu para não o publicar.

Mais tarde, em 1922, na sua casa de Santa Catarina, do Porto, voltamos a falar do assunto. E ele: «por agora, ainda não».

Hoje, a sugestões de algumas pessoas a quem considero, vou desenterrar duma gaveta o artigo, que tem, afinal, um reduzido interesse—e sem alterações, aqui o estampo, com o meu respeito profundo pela altissima memoria do Poeta.

—«Judeu! Negociante de cacos! Ladrão de objectos de arte! Intrujão de antiguidades!»— exclama o poeta.—Eu que tive na minha vida, desde a mocidade, a paixão profetica da arte, no tempo em que toda a gente chamava mania ao meu amor ás maravilhas de arte portuguesa, da arte gotica, da arte da Renascença! Eu que fiz, com mil sacrificios, da minha casa um santuario, a minha casa que é uma obra só minha, e onde não ha objecto que não seja uma palavra, e reunião de objectos que não seja uma frase, e depois versos, e depois poema de maravilhas, dentro das quais me sentia bem, e vivia espiritualmente as horas misticas da minha existencial...

E levado na onda da indignação, o poeta lirico dos *Simples* desfia deante da minha sensibilidade, em estado rubro, a sua vida de colecionador desde a hora do seu casamento. Encontrei nesse descriptivo com notas soltas que pareceriam confidencias, traços da inspiração apaixonada pelo objecto medievo, a exaltação religiosa da arte transmitida ao documento e dentro de tudo a forte, viril, altiva, sacrosanta poesia que é a sua obra. Mas nessa hora eu vi tambem, deante da prosa reles da vida, agachado, um dos maiores poetas contemporaneos da raça latina. Vencido pela materialidade.

* * *

Não transmitirei aos leitores o que o dr. Guerra Junqueiro disse das suas supostas vendas, dos seus supostos negocios, das suas inventadas transações. Receio reproduzir mal.

—Disseram que eu cassara rico, e inventou-se a lenda do meu judaismo! Minha mulher trouxe consigo alguns contos de reis que seriam o suficiente para se viver com economia. Mas a minha paixão pela arte, apesar do pouco valor ainda atribuido a preciosidades maravilhosas, levou parte dessas economias, e uma vez houve em que com a alma dilacerada tive de aceitar a ideia de me desfazer das minhas colecções...

O poeta conta, então, como ofereceu á Camera do Porto, por intermedio do critico de Arte sr. Antonio Arroio, para que se não dispersasse e desvalorizasse, a sua obra maravilhosa de ceramica portuguesa com 800 peças, e descreve-nos, possuido ainda de extranha indignação, a duvida que tiveram os veredores em aceitar pelo preço que ao coleccionador custára aquela colecção, não percebendo sequer, que era um sacrificio que o pos-

suidor fazia, antes vendo no caso uma historia de negocio, e mandando-lhe dizer, ao cabo de tudo, que a *Camera não precisava dos cacos do sr. Junqueiro*. Essa colecção foi vendida a um amigo seu, amigo de tu, por 1.700\$00, valor, recibo por recibo igual ao de compra.

—Pois essa colecção vale hoje cerca de 40 contos de reis! Eis o judeu Guerra Junqueiro!

Como deu ao Museu de Arte Antiga todos os seus quadros, a troco de um conto e tanto, conta-me o Poeta, mas desta vez ficando registado em documento que essa entrega correspondia a uma generosa oferta, «porque o valor dos quadros é extraordinariamente maior». E todas as suas operações de venda, quando precise de despejar uma casa, que contenha objectos que estejam fora do plano geral do seu recheio, e todas as transações inventadas, exploradas em conversas, em *biagues*, em aneddotas, tudo quanto ha de mais normal—nos confidencia martirisadamente o colecionador apaixonado, relatando como tem desmentido, por esmagadora maneira, certas acusações que lhe têm sido feitas, como a da venda de certos objectos ao sr. D. Carlos de Bragança. E remata sempre:

—Eis aqui o judeu Guerra Junqueiro...

A sua ida para a Suissa, a montagem ali da sua casa, depois o seu pedido de demissão, a surpresa da guerra e, no final, a venda forçada e precipitada em Berne, pela impossibilidade de virem para Portugal, de todos os objectos de Arte, a troco de importancias ridiculas.

—Chegamos a isto! A ter um homem, como eu, de vir explicar publicamente a sua vida intima, de contar como adquiriu e porque vendeu as suas maravilhas! Já dissemos ao leitor que não reproduzimos senão a traço largo, e sem detalhes, que nos confrangeram, os actos do colecionador e do chefe de familia.

O poeta tambem nos contou como em tempos o sr. Homem Cristo, «esse individuo impetuoso e sincero, convencido sempre de que diz a verdade», o atacou, chamando-lhe judeu, negociante, e acusando-o de vendas imorais, de actos de traficancia com antiguidades. Um dia o poeta enviou áquele jornalista uma exposição de factos, documentos, esclarecimentos, com a qual «esmagou absolutamente» as atoardas reles. Teve necessidade de o fazer! Homem Cristo não voltou á estacada.

O dr. Guerra Junqueiro distrai-se depois uns minutos, saindo da prosa bar-

bara da vida, para voltar á evocação da Arte.

—Só é grande a arte que é eterno! Só aquela que tem o vinco do eterno vive no meu espirito. A arte francesa do seculo XVIII, é bela, sim, mas frivola, toda mesuras, sem o poder maravilhoso da inspiração, vivendo em Versailles e não saindo de Versailles. A Arte medievae a da Renascença são as grandes, porque são eternas!

E ha nas suas palavras a fé religiosa do crente, o poder transmissor de evocação, que já deixa longe a grosseira comedia da vida, dentro de cujos onzenismos não cabe esta figura que é enorme, e que a exaggeração do sentido de existencias, nos homens por aí fóra, retira do culto sagrado do respeito...

* * *

No mais que falámos da situação e do estado da alma portuguesa, o dr. Guerra Junqueiro pareceu-nos desiludido, pessimista. Mas se-lo-ha?

—Hoje em Portugal só ha o povo e alguns artistas e poetas. O resto, lodo vill! E se algum homem quere sobreviver a esta miseria moral tem de lavar as raizes da sua alma, na alma imaculada do povo!

Ergue-se agora do *fauteuil*:

—Da Monarquia não quiz nada, nada quero da Republica. Podia ter sido tudo na Monarquia, tudo, tudo! Não quiz nada! O sr. D. Carlos, depois d'*A Patria*, mandou-me oferecer por um amigo comum o que eu quizesse. «Diz ao teu amo que ele é um inconsciente». Da Republica, a que dediquei já muito do meu vigor, não quero nada! Nada! Fiz na Suissa o centro da defesa da Republica Portuguesa, e dali irradiou para todo o mundo a minha palavra. A Republica, que me deu em cinco de outubro o dia de maior extase da minha vida, esclareci-a aos olhos da Europa. Fiz quanto pude. E nada tenho, e nada quero da Republica. Nada!

E ouvi então da propria boca do maravilhoso poeta uma elegia de dôr, um canto lugubre de pessimismo que me entristeceu. Ia escuro o dia, a trovoadaa andava ainda leguas em redor, e eu não sei se o estado do tempo, a incerteza da luz, o adormecimento da alegria da natureza, podem influir indirectamente sobre os espiritos delicadissimos de sensibilidade, já tocados de irritação de uma afronta. A Republica pareceu-me—quem sabe se fui eu que não compreendi bem aquele desalento?—pareceu-me fraca, indigna de si, minuscula, no verbo precioso, modelar do Poeta.

—A Republica... Não lhe faço o meu libelo porque a Republica não resistiria a ele!

E depois de outras explosões de pessimismo, que occulto, logo socogou:

—Mas não descreio Este belo, glorioso pais, viverá enquanto souber sacrificar se enquanto souber bater-se! A Republica, mesmo, ha de purificar-se...

Após umas palavras de grande admiração pela figura moral do sr. almirante Canto e Castro, o sr. dr. Guerra Junqueiro, descia pouco depois a escada, onde o acompanhiei até á rua. O poeta esplendoroso, cujas estrofes têm o sentido eterno da arte gotica, a harmonia ritmica das arquivoltas, a resonancia das naves magnificas, e que acabára de se declarar vencido ante a prosa charra da existencia, enfiou com o seu guarda-chuva no automovel do illustre director geral do Negocios Estrangeiros...

Norberto de Araujo

Empresa Electrica, Limitada

ESTORIL—Grande Parque do Estoril. Telefone, 90
SINTRA—Telefone, 28
LISBOA—Rua da Prata, 120-122. Telefone, central 3198
LISBOA—Officinas: Largo de Santa Marinha, 26. Telefone, central 3198

ELECTRICIDADE

Instalações completas. Lustres em todos os estilos. Placas e Plafoniers, Telefones, Pára-raios, Ventoinhas, Motores, Bombas e material electrico.

Material sanitario

Encanamentos para agua, gaz, aquecimento central, montagens completas para casas de banho, artigos para Consultorios e Laboratorios.

Reparações em aparelhos electricos
Orçamentos e Desenhos

Companhia de Seguros FIDELIDADE

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO CORPO SANTO

AGENCIAS

em todas as terras do Paiz

CAPITAL: 1344 contos de réis

FUNDOS DE RESERVA: 2.700 contos de réis

Esta Companhia, fundada em 1835, efectua
SEGUROS TERRESTRES E SEGUROS MARITIMOS

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa
e extracção de diamantes
NA PROVINCIA DE ANGOLA
por concessão do respectivo governo

SÉDE SOCIAL

LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º

ESCRITORIOS EM LONDRES, BRUXELAS E NEW-YORK

Presidente do Conselho de Administração Administrador Delegado
Banco Nacional Ultramarino Ernesto de Vilhena

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TECNICA EM AFRICA

REPRESENTANTE:---Ten.-Coron. Antonio Brandão de Melo
Caixa Postal 346 — Teleg. DIAMANG

LOANDA

DIRECTOR-TECNICO:---Mr. Gieen H. Newport

Dundo — LUNDA

Banco de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 13.500.000\$00

SEDE—Rua do Comercio, 148—LISBOA
CAIXA FILIAL no PORTO

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Figueira da Foz, Guimarães, Lamego e Setubal, e Correspondencias Privativas em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País e mais importantes praças do Estrangeiro

OPERAÇÕES—Descontos, transferencias, empréstimos e creditos em conta corrente, compra e venda de cambiais, cartas de credito sobre praças estrangeiras, depositos de dinheiro e valores e todas as transacções que pela natureza especial da sua instituição lhe são permitidas.

Peçam em toda a parte os fines e saborosos

CHOCOLATES E BOMBONS da

Fabrica Suissa

e as deliciosas **BOLACHAS** da antiga

Fabrica da Pampulha

Produto sem rival — Os melhores do mercado da **COMPANHIA COMERCIAL E INDUSTRIAL PORTUGUESA, LIMITADA**

Premiada com **MEDALHA DE OURO** em 1923 na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

R. 24 de Julho, 126 Telefone
Lisboa C. 3636

José Augusto Dias Filho & C.ª

BANQUEIROS

SÉDE — PORTO

Praça Almeida Garrett

AGENCIA DE LISBOA

89, Rua Augusta, 95

Porto Telef. 450—Teleg. JADIAS—Lisboa Telef. 1038-Central

Todas as operações bancarias

BANCO

PINTO & SOTTO MAYOR

Por escriptura de 28 de Março ultimo, outorgada perante o notario abaixo assignado, e de conformidade com a autorização do Governo, concedida por portaria do Ministerio das Finanças, de 14 do mesmo mês, foi transformada em sociedade anonima de responsabilidade limitada, a sociedade em nome colectivo que nesta praça tem girado sob a firma PINTO & SOTTO MAYOR, sendo estabelecido o novo pacto social na forma dos seguintes estatutos:

CAPITULO I

Denominação, séde, objecto e duração

Artigo 1.º

A sociedade comercial em nome colectivo, que até agora tem existido com a sua séde em Lisboa, rua do Ouro, n.º 18 a 24 e sucursais no Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo e Chaves, e tem girado sob a firma Pinto & Sotto Mayor, passa a existir sob a forma de sociedade anonima de responsabilidade limitada, e a reger-se pelos seguintes estatutos e pelas leis applicaveis.

Art. 2.º

A sociedade adopta a denominação de **Banco Pinto & Sotto Mayor**, a qual só poderá ser alterada por uma assembleia geral nos termos do art.º 33.º.

Art. 3.º

A sociedade terá a sua séde em Lisboa e o seu principal estabelecimento na rua do Ouro, n.º 18 a 24, e rua do Comercio, n.º 134 a 140; além das sucursais já criadas e existentes no Porto, Coimbra, Braga, Viana do Castelo e Chaves, poderá criar outras no país, ilhas adjacentes, colonias ou estrangeiro, e, bem assim, criar delegações, agencias ou quaisquer outras formas de representação que julgar convenientes.

Art. 4.º

Constituem objecto da sociedade:

1.º—Todas as operações permitidas no art.º 362 do Código Commercial e demais leis applicaveis, com excepção da emissão de títulos fiduciarios pagaveis á vista e ao portador;

2.º—Quaisquer operações comerciais conexas com aquelas ou semelhantes a elas;

3.º—Quaisquer operações comerciais, industriais ou financeiras, relacionadas com a industria bancaria, as quais a sociedade poderá realizar por si ou em ligação com outras entidades, podendo mesmo criar contas de participação de caracter permanente.

Art. 5.º

A sociedade continua a existir por tempo indeterminado, começando as modificações resultantes da presente escriptura a produzir os seus efeitos desde 1 de Janeiro de 1925.

CAPITULO II

Organização financeira

SECÇÃO I

Capital

Art. 6.º

O capital da sociedade é de 30.000.000\$00, divididos em 30.000 acções, do valor nominal de 1.000\$00 cada uma.

Art. 7.º

Este capital é constituído pelos bens ou valores que constituem o activo da sociedade modificada com o encargo do respectivo passivo.

Art. 8.º

O conselho de administração poderá, quando julgar conveniente e precedendo parecer favoravel do conselho fiscal, elevar o capital da sociedade até ao montante de 100.000.000\$00, por uma ou mais vezes, dependendo qualquer outro aumento, além deste, de deliberação da

Assembleia Geral, sob proposta do Conselho de Administração.

§ 1.º—Nas emissões de novas acções para aumento de capital caberá o direito de preferencia na subscrição aos accionistas já existentes.

§ 2.º—O Conselho de Administração fixará as condições das novas emissões, bem como as formas e prazos em que poderá ser exercido do direito de preferencia.

§ 3.º—Em relação ao aumento de capital previsto no corpo deste artigo, poderá o Conselho de Administração, dentro das facultades que lhe são conferidas, fazer quaisquer combinações de ordem financeira com outra ou outras entidades da mesma natureza.

§ 4.º—O accionista que não efectuar, nos prazos marcados, o pagamento das prestações das acções que tiver subscrito, ficará sujeito aos juros de mora á taxa de desconto do Banco de Portugal durante o prazo de tolerancia fixado pelo Conselho de Administração. Findo este prazo, sem efectuar aquele pagamento, perderá o direito de accionista e as prestações pagas, podendo a sociedade dispor livremente das acções ou anulá-las, passando em sua substituição títulos novos que serão vendidos na Bolsa por intermedio de corretor, revertendo o produto da venda para a sociedade, salvos sempre os direitos dos credores nos termos dos artigos 148.º e 170, § 3.º, do Código Commercial.

SECÇÃO II

Acções e accionistas

Art. 9.º

Cada acção dá direito á propriedade do activo social e á partilha das reservas e lucros reservados ás acções numa parte proporcional ao numero das acções emitidas.

§ 1.º—A posse de uma acção implica de pleno direito a adesão aos estatutos da sociedade e ás decisões da Assembleia Geral.

§ 2.º—Os direitos e obrigações concernentes a cada acção seguem o titulo, seja qual for o seu possuidor.

§ 3.º—Toda a acção é indivizível em relação á sociedade, sendo os comproprietarios de uma acção obrigados a fazer-se representar perante a sociedade por uma só e mesma pessoa.

§ 4.º—Os herdeiros ou representantes legais de qualquer accionista não podem, assim como este, por qualquer motivo que seja, requerer imposição de selos, arrolamentos, embargo ou arresto dos bens ou valores da sociedade, pedir partilha ou licitação deles, nem intervir de qualquer forma na sua administração, devendo sempre, para o exercicio dos seus direitos, reportar-se aos inventarios e balanços sociais e ás decisões das assembleias gerais.

Art. 10.º

As acções serão nominativas ou ao portador, podendo ser todas de coupon, reciprocamente convertiveis nos termos da lei e á custa do accionista, até ao limite da proporção que entre elas for deliberado estabelecer pelo Conselho de Administração, podendo haver títulos de 1, 5, 10 e 50 acções.

§ 1.º—A transmissão das acções far-se-ha por endosso ou pertence quanto ás acções nominativas, por simples tradição quanto ás acções ao portador e sempre por qualquer

forma admitida em direito, podendo o Conselho de Administração, no acto de inscrição de novo accionista, ressaltar todas as garantias que julgar necessarias, quanto á parte do capital não realizado.

§ 2.º—A transmissão das acções nominativas não dá direitos ao novo possuidor, enquanto não for averbada no respectivo livro de registo que para esse efeito haverá na séde da sociedade.

§ 3.º—O averbamento da transmissão, não efectuada por endosso, das acções nominativas, feito á vista de documento legal, que ficará arquivado na séde da sociedade, isenta esta de toda a responsabilidade para com o cedente, cessionario e terceiros, o mesmo sucedendo quanto ao averbamento da transmissão por endosso ou pertence, quando a assinatura do endossante estiver reconhecida por notario.

SECÇÃO III

Fundos

Art. 11.º

A sociedade terá os seguintes fundos:

1.º—Fundo de reserva legal;

2.º—Os demais fundos de reserva ou garantia que o conselho de administração julgar conveniente criar.

§ unico—No caso de «deficite», o Conselho de Administração determinará a ordem por que devem ser utilizados quaisquer fundos que tenha criado.

SECÇÃO IV

Exercicio social, balanço, lucros e sua divisão

Art. 12.º

O ano social corresponde ao ano civil.

Art. 13.º

O balanço fechar-se-ha em 31 de Dezembro de cada ano, e feitas as publicações legais, será presente á assembleia geral com as contas do respectivo exercicio, o relatório do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, até 31 de Março seguinte.

Art. 14.º

Os lucros liquidos de cada exercicio terão a seguinte applicação:

1.º—5 %, pelo menos, para fundo de reserva legal, enquanto não estiver preenchido ou não atingir o limite que lhe fixar o Conselho de Administração ou sempre que seja preciso reintegrá-lo;

2.º—O restante para distribuir como dividendo aos accionistas, para qualquer fundo ou fundos que o Conselho de Administração tenha deliberado criar e ainda para qualquer fim que seja determinado pela Assembleia Geral.

§ unico—O Conselho de Administração poderá, decorrido o 1.º semestre de cada exercicio, determinar a distribuição de um dividendo por conta dos accionistas.

Art. 15.º

Os dividendos não vencem juro e os não reclamados no prazo de 5 anos, contados do dia fixado para começo do seu pagamento, prescrevem em favor da sociedade.

CAPITULO III

Administração e Fiscalização

SECÇÃO I

Administração

Art. 16.º

A administração da sociedade será exercida por um conselho de administração, composto de um minimo de quatro e um maximo de sete membros efectivos, eleitos em assembleia geral por 3 anos, podendo ser sempre reeleitos.

§ 1.º—Na sua primeira reunião depois de eleito, o Conselho de Administração elegerá de entre os seus membros um para presidente e outro para vice-presidente, podendo também nomear de entre os seus membros ou do pessoal contratado da sociedade um secretario, o qual só terá voto se fizer parte do Conselho de Administração, e ao qual incumbirá a redacção das actas das sessões deste.

§ 2.º—O presidente do Conselho de Administração ou quem as suas vezes fizer, sempre que isso seja necessario para resolução de qualquer assunto da competência deste, terá voto de qualidade.

§ 3.º—Quando não esteja completo por qualquer motivo e designadamente por impedimento permanente de qualquer dos seus vogais poderá o Conselho de Administração chamar qualquer accionista qualificado para o completar até á reunião da primeira assembleia geral.

§ 4.º—Os vogais do Conselho de Administração não poderão entrar em exercicio sem possuírem e caucionarem a sociedade com o deposito nos cofres da mesma de 100 acções cada um, vigorando esta caução até 1 ano depois da aprovação das contas do ultimo exercicio em que houverem servido, pela respectiva assembleia geral.

§ 5.º—O Conselho de Administração reunirá semanalmente na sua séde ou em qualquer outro lugar que julgar conveniente e as reuniões extraordinarias que houver mister, sob convite do seu presidente, e na sua falta, do vice-presidente e ainda quando solicitada pela maioria dos membros do Conselho Fiscal.

§ 6.º—Os vogais do Conselho de Administração ausentes ou impedidos poderão mandar o seu voto por escrito ou por telegrama, quando solicitado pelo Conselho.

§ 7.º—As decisões do Conselho de Administração serão tomadas por maioria de votos dos administradores presentes e dos que tenham participado nas deliberações tomadas por escrito ou por telegrama, e serão consignadas por extractos resumidos no livro de actas que para tal fim existirá na séde da sociedade, extractos que serão assinados pelos vogais presentes, podendo os dissidentes assinar com a declaração de vencidos.

Art. 17.º

Ao Conselho de Administração competem os mais latos poderes, sem outra limitação ou reserva que não sejam as legais, na gestão e administração da sociedade.

Art. 18.º

No exercicio das suas atribuições, compete ao Conselho de Administração deliberar sobre todos os assuntos de interesse superior para a sociedade, e designadamente sobre os seguintes que serão da sua exclusiva competência e

(Ver continuação na 6.ª página)

Banco Pinto & Sotto Mayor

(Continuação da 5.^a pagina)

cuja enumeração não é taxativa nem prejudica por isso o disposto no artigo anterior;

1.º—Sobre a criação ou extinção de sucursais, agências ou qualquer outra forma de representação da sociedade;

2.º—Sobre o emprego dos bens ou valores da sociedade e construção, aquisição ou alienação de bens mobiliários ou imobiliários;

3.º—Sobre a constituição e aceitação de quaisquer onus ou encargos sobre os bens imobiliários da sociedade;

4.º—Sobre a execução das obras destinadas à conservação e reparação dos bens imobiliários da sociedade ou por ela tomados de arrendamento;

5.º—Sobre a escolha e nomeação ou demissão de gerentes, sub-gerentes, tesoureiros e guarda-livros para as filiais, sucursais ou agências da sociedade, e fixação do montante das cauções que tenham de prestar os gerentes, sub-gerentes ou tesoureiros;

6.º—Sobre o aumento do capital da sociedade previsto no art.º 8.º e seu § 3.º e sobre a proposta de quaisquer outros aumentos de capital à apreciação da Assembleia Geral competente;

7.º—Sobre a organização dos quadros dos empregados, quer do estabelecimento da sede, quer do estabelecimento das filiais, sucursais ou agências agrupando-se por categorias e fixando os ordenados correspondentes a cada categoria;

8.º—Sobre a elaboração do regulamento ou regulamentos dos serviços internos da sociedade, quer para a sede, quer para as filiais, sucursais ou agências;

9.º—Sobre a tomada ou participação em emissões de acções ou obrigações do Estado, corpos ou corporações administrativas, e de quaisquer companhias, sociedades ou empresas nacionais ou estrangeiras;

10.º—Sobre a participação ou intervenção da sociedade em quaisquer negócios ou em prezas de carácter comercial, industrial ou financeiro, criação de contas de participação com carácter permanente, ou constituição de novas sociedades para a exploração autónoma de algum ou alguns negócios da sociedade;

11.º—Representar a sociedade nas suas relações com terceiros ou em juízo, acompanhando e resolvendo sobre quaisquer pleitos em que a sociedade seja interessada, deliberando sobre o recurso à arbitragem e sobre transações judiciais ou extra-judiciais a fazer para a resolução dos mesmos, podendo desistir ou renunciar a quaisquer direitos ou privilégios e constituir mandatários para qualquer efeito;

12.º—Determinar periodicamente os termos quantitativos e taxas de desconto, juros de empréstimos e depósitos à ordem ou a prazo e demais operações de crédito; as condições para a compra, venda e negociação de valores mobiliários ou imobiliários por conta de terceiros; estabelecer e presidir às relações entre a sociedade e demais entidades singulares ou colectivas, congêneres ou de fim diverso;

13.º—Celebrar acordos com sociedades congêneres sobre a forma de exercício de qualquer dos ramos de industria bancaria, delegando em qualquer dos seus membros os poderes necessários para os negociar e fechar;

14.º—Deliberar quando julgar conveniente, no fim de cada exercício, sobre a distribuição de gratificações e seu montante ao pessoal quer da sede, quer das filiais, sucursais ou agências;

15.º—Deliberar sobre o emprego dos fundos disponíveis e reservas de qualquer espécie da sociedade;

16.º—Tomar em quaisquer circunstâncias todas as medidas que julgar convenientes para salvaguardar os valores pertencentes à sociedade ou a ela confiados por terceiros;

17.º—Apresentar à Assembleia Geral o relatório, balanço e contas do exercício findo, acompanhado de parecer do Conselho Fiscal;

18.º—Deliberar sobre a criação de quaisquer outros fundos de reserva que julgar conveniente constituir, conforme o disposto no n.º 2.º do art.º 11.º;

19.º—Executar e fazer cumprir a letra da lei e dos presentes estatutos e as decisões da Assembleia Geral.

§ unico—Sempre que, para dar execução a qualquer deliberação do Conselho de Administração, seja necessário conferir mandato, ou intervir, outorgar e assinar o instrumento

particular ou publico de qualquer acto ou contracto, fica isso competindo ao presidente do Conselho de Administração ou a quem suas vezes fizer.

Art. 19.º

O Conselho de Administração poderá delegar em algum ou alguns dos seus membros, as funções de representação da sociedade perante o Estado ou perante quaisquer entidades da mesma ou de identica natureza, nacionais ou estrangeiras, para a fixação de quaisquer acordos e realização ou participação de quaisquer negócios de carácter comercial, industrial ou financeiro; e bem assim as de velar permanentemente pelo fiel cumprimento e execução das deliberações tomadas pelo Conselho de Administração no desenvolvimento de todos os serviços e operações da sociedade, quer na sede, quer em qualquer das suas filiais, sucursais ou agências.

Art. 20.º

O Conselho de Administração poderá delegar as funções de gerencia dos negócios correntes da sociedade quer na sede, quer em qualquer filial, em algum ou alguns dos seus membros, aos quais no exercício destas funções, incumbirá:

1.º—Exercer a gestão dos negócios internos e externos da sociedade, com exclusão dos referidos no art.º 19.º;

2.º—Dirigir e inspecionar a escrita geral da sociedade e todo o seu expediente, assinando a respectiva correspondência;

3.º—Autorizar descontos de letras e aberturas de credito, dentro dos limites fixados pelo Conselho de Administração;

4.º—Dar aplicação aos regulamentos dos serviços internos da sociedade elaborados pelo Conselho de Administração;

5.º—Informar o Conselho de Administração sobre o merito dos empregados para efeito da distribuição de gratificações;

6.º—Praticar dentro da sua competencia e na gestão dos negócios correntes da sociedade, todos os actos indispensaveis e convenientes para o funcionamento normal da mesma.

§ unico—A assinatura de um administrador bastará, quer para os documentos de mero expediente, quer para os de responsabilidade da sociedade, que digam respeito à gerencia prevista neste artigo.

Art. 21.º

O Conselho de Administração poderá ainda contractar, quer dentro do quadro do pessoal da sociedade, quer fóra dele, pessoas de reconhecida competencia para, mediante a remuneração que o mesmo conselho lhes arbitrar e dentro dos limites da competencia que lhes fixar no respectivo mandato, gerir os negócios correntes da sociedade, com atribuições identicas às fixadas no art.º 20.º, na sede e em qualquer das filiais ou agências, ou só em qualquer destas, ou só numa destas, ou ainda numa determinada secção dos serviços da sede ou das filiais ou agências.

Art. 22.º

A remuneração dos vogais do Conselho de Administração será fixada pela assembleia geral, tendo-se em atenção as funções que cada um desempenha.

Art. 23.º

O Conselho de Administração poderá designar, de entre os seus accionistas, um para exercer as funções de secretario geral da sociedade, cujo mandato durará por 3 anos e será sempre renovavel.

§ 1.º—O secretario geral poderá assistir a todas as sessões do Conselho de Administração e ter voto em todas as deliberações do mesmo.

§ 2.º—O Conselho de Administração poderá delegar no secretario geral, o exercício das funções a que se refere o art.º 19.º, ou daquellas a que se refere o art.º 20.º.

§ 3.º—A remuneração do secretario geral da sociedade será fixada nos termos do art.º 22.º.

SECÇÃO II

Fiscalização

Art. 24.º

A sociedade terá um conselho fiscal, constituido por quatro membros, eleitos trienal-

mente e com a faculdade de reeleição, o qual só poderá funcionar com a presença de três dos seus membros, e ao qual incumbirão as funções que a lei lhe atribui.

§ unico—Na sua primeira reunião, o Conselho Fiscal elegerá os seus presidente e secretario.

Art. 25.º

A remuneração do Conselho Fiscal será fixada pela forma estabelecida no art.º 22.º.

CAPITULO IV

Assembleia Geral

Art. 26.º

A Assembleia Geral representa a universalidade dos accionistas, e as suas deliberações, tomadas em conformidade destes estatutos e da lei, obrigam todos os accionistas, mesmo os ausentes e dissidentes.

Art. 27.º

O exercício do direito de voto depende do averbamento das acções nos livros de registo da sociedade, ou do seu deposito nos cofres da mesma, da sede ou das suas sucursais, ou em qualquer lugar designado pelo Conselho de Administração 60 dias antes, pelo menos, do designado para a assembleia geral, quer ordinaria, quer extraordinaria.

Art. 28.º

A assembleia geral será constituída pelos accionistas possuidores de 100 acções ou mais, averbadas ou depositadas nos termos do artigo anterior, contando-se por cada 100 acções um voto até ao limite legal previsto no § 3.º do artigo 183.º do Código Commercial.

§ 1.º—Não terão direito a assistir às assembleias gerais os accionistas que não tenham direito de voto, nem os obrigacionistas.

§ 2.º—Os empregados e contratados da sociedade que forem accionistas da mesma, não poderão tomar parte nas assembleias gerais enquanto estiverem ao serviço da sociedade, ou, depois de o deixarem, enquanto lhes não fôr dada quitação, seja qual fôr o numero de acções que possuam, quer por si, quer representados por outrem, quer como mandatários ou representantes de outro accionista.

§ 3.º—Qualquer accionista com direito a voto, poder-se-ha fazer representar na assembleia geral por outro accionista que tenha igual direito, mediante procuração ou carta com a assinatura reconhecida por notario, e entregue na sede da sociedade 8 dias antes do designado para a reunião da assembleia.

§ 4.º—São admitidas nas assembleias gerais as formas de representação permitidas por lei.

§ 5.º—As pessoas que, em representação de outras, pretendam tomar parte nas assembleias gerais, deverão, para esse fim, entregar documento comprovativo da representação alegada, na sede da sociedade, 8 dias, pelo menos, antes do dia designado para a reunião da assembleia.

Art. 29.º

A Mesa da Assembleia Geral será constituída por um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e dois vice-secretarios, eleitos trienalmente de entre os accionistas com voto, e sempre re-elegiveis.

Art. 30.º

A assembleia geral reunirá ordinariamente até 31 de Março de cada ano social, e extraordinariamente quando o Conselho de Administração ou o Conselho Fiscal o julgar necessario, ou quando isso fôr requerido por accionistas que representem metade do capital subscrito, declarem no requerimento o fim da reunião e hajam cumprido o disposto no art.º 27.º.

§ 1.º—As assembleias gerais serão sempre convocadas pelo presidente da mesma, e por meio de anuncios, nos quais se indicará o dia, hora e local da reunião e o objecto desta, anuncios que serão publicados 30 dias antes do designado para a reunião, quando ordinaria; e 15 dias antes, quando extraordinaria.

§ 2.º—Feita a primeira convocação, se não comparecer numero suficiente de accionistas e representação de capital suficiente para a assembleia poder funcionar, far-se-ha nova reunião dentro de 30 dias, mas nunca menos de 15, sendo validas as deliberações tomadas nesta segunda reunião, seja qual fôr o numero de accionistas presentes, e o capital representado.

§ 3.º—Tratando-se de assembleia convocada a requerimento de accionistas, não poderá funcionar sem representação de dois terços dos seus requerentes, sem prejuizo dos outros requisitos legais.

Art. 31.º

A assembleia geral ordinaria competem as atribuições consignadas no § unico do art.º 179.º do Código Commercial, às assembleias gerais extraordinarias deliberar exclusivamente sobre o objecto para que foram convocadas.

Art. 32.º

As deliberações das assembleias gerais, quer ordinarias, quer extraordinarias, serão tomadas por maioria absoluta de votos dos accionistas presentes ou representados; a forma de votar para os cargos da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração ou do Conselho Fiscal, será a de escrutinio secreto.

Art. 33.º

As assembleias gerais constituem-se com o minimo de 12 accionistas presentes ou representados, que representem pelo menos a quarta parte do capital social; nas assembleias gerais extraordinarias que hajam de deliberar sobre modificação de estatutos, alteração de denominação da sociedade, dissolução ou liquidação da sociedade, ou sua fusão com outra, ou aumento de capital além do previsto no art.º 8.º, a representação do capital terá de ser, pelo menos, de metade do capital subscrito.

CAPITULO V

Dissolução e liquidação

Art. 34.º

A sociedade dissolver-se-ha e liquidará nos casos e termos previstos na lei.

CAPITULO VI

Disposições diversas

Art. 35.º

Para todas as questões entre accionistas ou entre estes e a sociedade, resultantes do contracto ou das deliberações sociais, fica estipulado o fóro da comarca de Lisboa com expressa renúncia a qualquer outro.

Art. 36.º

As contribuições que forem lançadas aos membros do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal, gerentes e empregados da sociedade pelo exercício das suas funções, serão pagas por esta.

Art. 37.º

A primeira assembleia geral da sociedade para a eleição do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, e para os fins previstos nos art.ºs 22.º e 25.º, effectuar-se-ha dentro de 8 dias depois de lavrada a escritura da transformação da sociedade, e independentemente das formalidades previstas nos estatutos.

Art. 38.º

Em tudo o mais não previsto nestes estatutos, regulará o Código Commercial e demais legislação applicavel.

Lisboa, 31 de Março de 1925.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

O LIVRO DO DIA

Da peça «D. Carlos»

do poeta Teixeira de Pascoas

transcreve-se uma das mais interessantes scenas

SCENA I

Noite fechada. No terceiro andar duma casa de Lisboa, numa rua escura. Os conjurados, em volta duma mesa, conversam e fumam.

BUIÇA

O dia, o grande dia se aproxima!
E' o dia de amanhã. Juremos todos
Cumprir nosso dever até ao fim!

VARIOS CONJURADOS

Hão de cumpri-lo todos!

COSTA

Amanhã,
Mostremos aos grandes deste mundo,
Como um simples mortal dispõe dum rei!

BUIÇA

E a Deus nós mostraremos que um mortal
Pode ofender, querendo, os seus decretos...
E abrir a um rei as portas infernais,
Antes da hora marcada...

VARIOS CONJURADOS

Sômos deuses!

TERCEIRO CONJURADO

E mais. Obrigaremos um monarca
A restituir a vida, a liberdade,
O oraculo do Povo, o Antonio, o Verbo...

BUIÇA

Nós, amanhã, seremos a Justiça!

COSTA

Ser, uma vez, no mundo, á luz do sol,
A Justiça ideal, com letra grande,
Eis o que, na verdade, me seduz!

BUIÇA

A mim, seduz-me a ideia de infligir
A lei de Deus que manda não matar.

Nasci com este orgulho demoníaco...

QUARTO CONJURADO

A mim seduz-me o odio, o odio ao rei,
Desde que o vi passar, na rua, altivo,
Olhando desdenhoso para o Povo...
E o povo lhe deitava uns olhos frios
E brancos, de revez...

BUIÇA

Meus camaradas,
Nós vamos ser os ídolos da turba!

COSTA

O nosso nome ficará na História!

BUIÇA

Morra um homem e deixe eterna fama!

TERCEIRO CONJURADO

Que o rei desapareça! Libertemos
A Patria, dos Bragauças!

COSTA

Amanhã...

Faz-se um repentino silencio.

QUARTO CONJURADO, empalidecendo

E' hoje mesmo... Escuta... Pois não ouves?...

TERCEIRO CONJURADO

Ouçõ bater, lá fóra, a meia noite...

BUIÇA, dirigindo se aos companheiros

Vós perdestes a fala? Não entendo
O subito silencio que se fez!

QUARTO CONJURADO

Bateu a meia noite...
E' a hora negra...

COSTA, meditativo

A hora mais profunda do silencio...

TERCEIRO CONJURADO

Hora em que a sombra põe sobre o mundo,
Tão negra e tão fechada! Causa medo...



Teixeira de Pascoas

uma das mais impressionantes cenas das reuniões dos congregados, na véspera do regicídio. E' uma marcha admirável de tragedia, uma aguç-forte de profunda realidade humana.

QUARTO CONJURADO

As negras badaladas ecoando,
Lá fóra, na cidade adormecida...

BUIÇA

Pedras de som caindo compassadas
Num poço de silencio...

COSTA

São as pedras
Que o tempo doido atira sobre os homens!

BUIÇA

São pedradas que matam devagar...
Em breve, jogaremos contra o rei
Duras pedras que matam de repente...

COSTA

Seremos como um tempo fulminante...
O raio, não a classica ampulheta,
Ha-de brilhar, sangrento, em nossas
mãos!

QUARTO CONJURADO, estremecendo

Silencio! Julgo ouvir estranha voz...

TERCEIRO CONJURADO

E' o despertar do vento nos beirais.

QUARTO CONJURADO

O vento acorda, ao sentir a luz.

BUIÇA

Ainda vêm longe o dia. Em certas noites
Tem insónias o vento. Não consegue
Parar, adormecer... Anda a sonhar,
Algum feito de estrondo, que apavore!
Um temporal de enlouquecer as ondas
E as nuvens! Uma pagina tremenda
Da nossa Historia-tragico maritima.

Alma rebelde, o vento é roxo irmão.

COSTA

A voz do vento e as bronzeas badaladas...
O mais tudo é silencio... este nocturno
Silencio, em cujo seio denegrido
Se concebem terríveis, grandes cousas,
Como tramar a morte de algum rei.

QUARTO CONJURADO

Sinto subir-me a palidez ao rosto.
E' humida e gelada...

COSTA

A côr do medo...

BUIÇA, erguendo a voz

Quem temer quã deserto! O dia de hoje

D. Carlos, a ultima obra do grande poeta Teixeira de Pascoas, encontra-se quasi exgotado. Tem sido um exito retumbante de livreria, para que tudo concorra: o assunto e a maneira como o grande poeta o conseguiu tratar.

D. Carlos, tragedia escrita com verdadeira emoção e belesa, é a evocação sublimada do regicídio. essa pagina negra da nossa historia, de inapagavel lembrança. Teixeira de Pascoas, como nas «Sombras» como no «Regresso ao paraíso», como na «Terra Prohibida», como no «Maranos», tem no seu ultimo trabalho, rajadas de bela emoção dramatica. E' o poeta que mais desce ao interior profundo da alma humana. Tido no estrangeiro, como o mais alto representante, nos dias de hoje, do nosso lirismo, só ha bem pouco tempo é conhecido e admirado entre nós! A José Teixeira de Pascoas, tangendo para além da apparencia carnal das coisas, é misteriosa como o infinito... Transcrevemos, do admiravel drama,

reunião dos congregados, na véspera do regicídio. E' uma marcha admirável de tragedia, uma aguç-forte de profunda realidade humana.

E' para os fortes de alma. Para as almas que preferem á vida o cumprimento Heroico do dever...

E num tom profetico

O dia de hoje
Ha-de ficar na Historia, certamente...
Um dia extraordinario, com tumultos,
Gente doida correndo sem destino,
Tiros, gritos de medo e de aflicção!...
Um quadro encantador...

COSTA

Mais belo ainda
Esta palestra, descuidada, mesmo
A' beira dum abismo... Vêde a face
Vertiginosa e negra da Volupia...
A que mais me embriaga, a mais carnal,
Sensual e feminina... Que donzela
Tem mais beijos e abraços do que a morte?

BUIÇA

Adoremos a morte, a nossa noiva.
Que a tragedia floresça num idílio...
Já vejo sangue a derramar-se em pétalas
Rubras de virgindade desflorada...

QUARTO CONJURADO, esboçando um palido sorriso

O leito nupcial é terra fria...

COSTA

Oh que bela palestra, mesmo á beira
Dum tenebroso abismo...

QUARTO CONJURADO, sonolento, pousando a cabeça sobre a mesa

E' preferivel

Dormir alguns instantes...

TERCEIRO CONJURADO, pousando tambem a cabeça sobre a mesa

E' melhor...

O sono é uma delicia... A gente cai
Num doce esquecimento... Fecha os olhos
E deixa de existir, serenamente...

Todos ficam silenciosos e sonolentos, durante algum tempo.

TERCEIRO CONJURADO, erguendo a cabeça e abrindo o olhos

Começa a arrefecer...

E man sobresalto

Lá vai fugindo

A derradeira noite de Janeiro...

QUARTO CONJURADO, abrindo tambem os olhos

São os adeuses lividos do frio...

COSTA, acordando e vendo o relógio que lhe treme nas mãos

O cinzento raiar dum novo mês...

TERCEIRO CONJURADO

O frio é bem mais vivo e penetrante
Quando o sol vai nascer...

BUIÇA, acordando e enchendo um caliz de agua-aridente

Então bebamos
E saudemos, alegres, o brumoso
Raiar do dia um.

Todos o imitam bebendo

Este ar esperto,
Tem já um vago cheiro a luz cinzenta...
E o seu murmúrio imperceptível quasi
Será, daqui a instantes, o ruído
Da cidade acordada...

QUARTO CONJURADO

Que tristeza
Ha neste riso brando das riestas...
E divagando os olhos pelas paredes
Na lividez da cal vai-se apagando
A sombra do meu vulto...

TERCEIRO CONJURADO, fixando tambem os olhos na parede

E a minha sombra...

COSTA, contemplando os companheiros

Que palidez nos rostos... E' das noites
Passadas em vigilia...

TERCEIRO CONJURADO

Será medo?

BUIÇA, sorrindo

Não sei que fria mascara de cera
Encobre o nosso rosto...

TERCEIRO CONJURADO

E as nossas almas...

COSTA

Eis-nos, á moda antiga, mascarados
Para a grande tragedia...

BUIÇA

Dentro em breve,
Nós seremos a sombra do Destino
A quem os proprios deuses obedecem...

QUARTO CONJURADO, entreabrindo uma janela e fechando a

Causa-me horror a vista d. cidade...
Estas lividas casas emergindo
Da turbacão nublada, como espectros.

Mas sobretudo, a luz, a luz que nasce...
Não posso ver a luz...

BUIÇA, indo abrir a janela de par em par

E's um covarde!

Afrontemos a luz!

QUARTO CONJURADO

Bem mais terrível
Que a escuridão nocturna, irmã da morte...

Sob a projecção da luz, que inunda a sala, todos os conjurados se levantam e desaparecem pelas portas entreabertas enquanto se ouve na rua a voz de

O ALMA

Que luz tão fria!
Ai, que tristeza
E que melancolia...
O sol, nascendo, chora.
Nasce morta a luz da aurora
Sobre a terra portuguesa,

E desta luz falecida
Nascer já murchas as flores;
E nascer almas sem vida
E sem amores...

O' Portugal solitario,
E's um calvario,

Onde o sol morre na cruz,
Como Jesus...
E a sombra escura,
No ar infundo
Empedernindo.
Toma não sei que tragica figura,
Ameaçadora...

Que luz tão fria!
Nasce morta a luz da aurora...
E a luz do dia
Cal, em sombra, na terra portuguesa...
Ai, que tristeza
E que melancolia!

Salão Restaurant Jansen

— Almoços - Jantares —
— Bifes á Jansen —
— CONCERTOS —

Chá das cinco

Interrogação

A vida não morre, nem o tempo, nem a ansiedade de os destruir a ambos. O que fizemos ontem ou ha dez anos, repetimo-lo hoje. As mascaras que nos odiaram, que conheceram a nossa cobardia, o nosso remorso, ou a nossa piedade, ficam para sempre, expiando-nos, torturando-nos! Vêm ter conosco todas as misérias... Nada destruímos, nem nada criamos de novo...

Andamos atrás da nossa alma—eterna sombra do corpo, procurando a luz que o ilumina, mas é distante e inatingível. Buscamos a de rastros, tateamos a na sombra, descemos aos abismos, embriagamo-nos de estrelas, e nem na morte conseguimos ter essa flor ardente de luz, talvez a mística assuena das virgens, talvez os lírios ensanguentados da Paixão de Cristo, talvez a esperança...

E' a existencia um deserto de areias calcinadas, ou ainda não começou porque só vivemos a morte? Aonde acaba este Universo, sombra de um outro que atravessa o espaço? Que estranho sonho nos diz que o mundo tem uma voz dupla e sombria? Que a linguagem humana é tão incompleta de amor, divina torrente que os corações balbuciam ainda sem compreenderem?

Valem estas duvidas, as cinzas de uma rosa, ou não serão elas o pó levantado por todas as almas aflitivamente, caminhando sem rumo e sem destino?

Artur Portela

DE LUTO

D. Margarida Azevedo Neves

Está de luto o distintíssimo clínico e director do Instituto de Medicina Legal, sr. dr. Azevedo Neves.

Faleceu hoje, no Campo dos Martires da Patria, 175, a sr. D. Margarida Pereira Azevedo Neves, mãe do ilustre medico. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas. Ao sr. dr. Azevedo Neves, uma das glórias do nosso corpo medico, o «Diario de Lisboa», apresenta sentidas condolencias.

D. Candida Estelita de Araujo

Na sua residencia na rua de Campolide, 168, faleceu ontem, repentinamente a sr. D. Candida Estelita de Araujo, esposa do sr. Manuel Joaquim de Araujo e mãe dos sargentos ajudantes, condutor de maquinas, Julio Augusto de Araujo, 1.º sargento artilheia da G. N. R. Alberto Augusto de Araujo e José Maria de Araujo. O funeral realiza-se amanhã, 8, pelas 14 horas para o cemiterio de Benfica, sendo o acompanhamento a pé.

D. Emilia Sampaio Pais

Finou-se em Canas de Senhorim a sr. D. Emilia Gomes de Sampaio Pais, estremeceida mãe do nosso amigo, sr. João Alexandre Pais. Era uma senhora muito virtuosa, tendo o seu funeral sido uma significativa manifestação de pesar. A João Pais e a sua familia a expressão do nosso sentir.

9 DE ABRIL

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, delegação La Lys, de que é presidente o ilustre official do exercito sr. D. Pereira Coutinho promove no proximo dia 9, pelas 16 horas, uma sessão solene para distribuição de donativos aos combatentes, viúvas e orfãos necessitados. Esta festa, por todos os títulos sympathica, realiza-se na sede da Liga, ao Largo da Trindade.

A industria de carnes

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anúncio que inserimos hoje na 10.ª pagina de «A Industria de Carnes, Lda», uma das principais fabricas da Península e que honra sobremaneira a industria nacional.

Libras

CHEQUE, notas, ouro e todas as moedas estrangeiras.

Verifiquem sempre os nossos preços.

A. Piano Junior & C.ª

R. Aurea, 95 a 99—L. Corpo Santo, 30-32

A Cidade

UMA SINDICANCIA...

O que diz

Veiga Simões

das acusações

que lhe tem sido feitas



Dr. Veiga Simões

sr. sindicante deu como provadas a quasi totalidade das acusações que me foram feitas. O Conselho Disciplinar do Ministerio dos Estrangeiros, e o sr. ministro da pasta, por unanimidade, não deram uma unica como provada. O que quer isto dizer? Que esse documento foi inspirado por sentimentos que não é agora o momento de classificar. E no entanto, é precisamente a publicação desse documento que certo «clan» com interesses materiais neste processo por aí reclama.

* * *

E a seguir:

—Compreende bem que a dar-se algum credito ao relatório do sindicante, haveria que chegar á conclusão que os membros do Conselho Disciplinar e o proprio sr. ministro dos Estrangeiros prevaricaram. Como esta hipotese é moralmente inadmissível, dada a honorabilidade de todos eles, e juridicamente absurda, visto das suas decisões não ter havido recurso, ha apenas que concluir... —o que o sr. conclui, e toda a gente de boa fé. Imagine que para essa peça, que agora por aí andou aos baldões do escandalo, o sr. sindicante adoptou este processo singular e elucidativo. Para prova das famosas vinte e sete acusações que se dignou fazer-se invocar, como prova cinco testemunhas. Pois para uma grande parte dessas acusações, o sr. sindicante concluiu que elas caluniaram: mas para outra parte achou os seus depoimentos veracissimos.

* * *

Voltamos:

—Mas como se organizou então esta maquina?

—Ahi mas com testemunhas. Simplesmente, ha que folhear o processo para avaliar o que são, e quem são essas testemunhas. Quando a respeito de todos os funcionarios que contra mim depuzeram não houvesse coisas graves de que os acusei previamente, bastava que nem uma das testemunhas deixa de ser meu inimigo pessoal. Pois nem assim se conseguiu fazer prova. Porque, não havendo eu dado, sequer, uma testemunha de defeza, o Acordam do Conselho Disciplinar termina por afirmar, não que eu destrui a prova feita, mas—que não se fez qualquer especie de prova:

—Mas se o processo está de ha muito arquivado, a que vem todo este barulho pósthumo em volta dele?

—Bem vê: este processo é um jogo de interesses dum sindicato, de que as testemunhas foram meros instrumentos. Chegou finalmente a hora de castigar caluniadores e de descobrir misérias. O sindicato mexe-se..

E, para acabar:

—De resto, compreende: em todo esse estendal de misérias, eu fui apenas acusado de imbecilidades. Não sendo eu imbecil, não me seria extremamente difícil desfazer-las.

* * *

Em despedida:

—Mas tudo isso está terminado e eu nada tenho que vêr hoje com esse processo, que ficará na minha vida como uma manifestação característica do tempo em que vivi. O processo contra mim está arquivado. Por muito ruido que por aí se faça, esse ruido não consegue destruir a meia folha de papel selado em que vão ser embrulhados os autores directos dessa comedia...

A FORENSE

VENTURA D'ALMEIDA—advogado
FERREIRA CHAVES—procurador
Questões judiciaes e administração de predios
Agentes em todas as comarcas, colonias, Brasil
e America
Rua dos Condes, 27, 3.º

UMA ESTREIA

Pela

companhia

do teatro Trindade

foi ontem representada

a peça «Tangerinas Mag'cas,,

As magicas são para o publico, o que certos livros de imagens são para as crianças. E' consolador, reconfortante descansar o espirito, descarregar os nervos, adormecer numa penumbra de sonho e visionar as mais desvairadas aventuras de princesinhas louras e cavaleiros andantes, que a vara magica de uma fada imaginosa e bemfazeja transporta a regiões de misterio e transforma miraculosamente em rajas poderosos, em sultanas perturbantes de sedução e de beleza, vivendo em palacios encantados, desbordantes de riquezas estonteantes. São duas, três horas de fantasia, de deslumbramento para os olhos...

Já vai longe, no entanto, o tempo da «Ave do Paraíso», com que a ingenua imaginativa do Oliveira das Magicas embalou o romantismo dos nossos avós. As magicas de Eduardo Garrido eram já um largo passo no campo das realidades teatraes. Ao maravilhoso da tessitura juntavam o pitoresco das situações e dos remosques. Vieram depois, cansada a imaginação e de encontro á insatisfação do publico, as grandes «feeries», de tenue efabulação e cujo exito residia, quasi exclusivamente, no deslumbramento da «mise-en-scène» pictural e plastica—embrechados de numeros musicais e coreograficos, estilizações esteticas de um grande relevo visual, pela combinação inteligente da cor e da luz. Essas «feeries» começam de entrar agora em Portugal. E' claro que, apesar de grandes esforços monetarios, ainda não conseguem alingar entre nós, mercê principalmente da escassa educação artistica das massas corais e da pouca experiencia da generalidade dos ensenadores, o brilho e o relevo que lá fora têm.

Como quer que seja, e pondo de banda o que pareça haver de inoportuno na ressurreição das «Tangerinas magicas», apesar de retocados e aligeirados—o que não ha duvida é que a sua exhibição no palco do Trindade, representa uma tentativa, por muitos titulos curiosa, sob o ponto de vista da «mise-en-scène», quasi sempre interessante, e de indumentaria mais do que rica: faustosa. José Loureiro, com uma isenção digna de sincero aplauso, porque representa um enorme esforço e um marcante espirito de renovação, coadjuvado pela sensibilidade artistica de Augusto Pina, bastamente comprovada, encontrou na parte dos scenografos cujo nome os programas não citam, mas que são, entre outros, Mergulhão, Salvador, Eduardo Reis, a compreensão quasi sempre justa do seu «metier». Pena é que a encenação, sem relevo, não tivesse correspondido. Cremilda de Oliveira, Berta Baron, Justina de Magalhães, Mercedes e Angelita Gonzalez, Angela Barros, Henrique Alves, Brandão Sobrinho, Antonio Gomes, Santos Melo e Penha Coutinho encarnaram os principais papeis. O grupo de coristas, entre os quais ha algumas gentis, mostrou boa vontade. Nicolino Milano, que, felizmente reaparece, regeu a orquestra com uma rara inteligencia e com um brio e uma diligencia invulgaes.

J. de O.

Palace Hotel do Bussaco

CHAUFFAGE CENTRAL

Novos appartements de luxo, com instalações modernas. Centro do turismo pelas melhores estradas do país.

Pensão completa a partir
de 60\$00 escudos

Para as
FESTAS DA PASCOA
informações e reserva de aposentos, em Lisboa: Hotel Metropole, Hotel de l'Europe ou no Rocio, 108, 2.º



**COLLARES
BURJACAS**
Vinho de tipo inalterável e inconfundível
R. Nova da Trindade, 130, 1.º — Tel. 5435-N.

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 1/2 - HOJE
I. N. R. I.
super-film em 8 partes
O MEU MENINO — 5 partes

ROMANTISMO

Veiu

a Lisboa

um poeta hespanhol

que tenciona em breve

recitar alguns dos seus versos

Quem não é romântico? — perguntou Ruben Dario num daqueles seus versos nús como as bacantes, a meio das florestas azuis, exasperadas de aroma, sensuais de seiva... Espanha romântica, de capa ao vento, nobre de melancolia, surgiu-nos hoje na figura juvenil de Mario Arnold, poeta leonês, que vem a Portugal recitar os seus versos.

Mario Arnold publicou já dezoito livros — poesia e verso, este em maior parte. Foi jornalista até ao dia em que, seduzido pela miragem cigana do sol, das estradas abertas, deu em correr a Espanha, de norte a sul, de oriente a occidente. Por toda a parte levava o vento da inspiração. Recitava versos; fazia versos... Uma pedra, um portico de igreja, a agulha duma catedral, um parque abandonado... Arnold é como os tropeiros antigos: ganha o pão com as rosas da sua poesia.

Por fim — Espanha cansou-o. Não havia mais terra para os seus olhos. Castela batida de sol; Andaluzia vermelha como um *clavel*; Granada doirada como uma laranja; as azas das golondrinas sobre o Mediterraneo, lilaz e oiro... Caminho do ideal, Arnold atravessou a fronteira. Ouvira falar no Rei D. Diniz, lavrador e tropeiro; nas nossas cantigas. De terra em terra chegou a Lisboa. Abriu a sua tenda. Trocou a sua capa espanhola pela capa dos nossos estudantes — e surgiu-nos ha pouco.

— Arnold, para onde vai...
— Para a America latina. Porto Rico...
— E o que vem fazer?
— Recitar os meus versos. *Alma Nómada*...
— Um titulo dum livro...
— Que é a minha vida errante... Pelos caminhos, como os pobres enchem o toleiro de pão, eu enchia a alma de rimas...

— A sua primeira leitura...
— Não sei ainda quando a farei, nem aonde. Venho sem dinheiro... Tenho viajado assim, mas sigo sempre, caminho sempre.

E mostra-nos os seus livros, com recortes de jornais de toda a Espanha, onde ali é saudado como um grande poeta. Pedimos-lhe uns versos para fecharmos a noticia. Escreve:

La giralda

Una gitana en Sevilla,
plantó en el suelo una flor
que regó con manzanilla
para que olierá mejor...
la mañana siguiente,
como ninguno soñó,
la Giralda, dulcemente,
de sus pétalos nació.

PARA OS POBRES

O nosso camarada de redacção tornou hoje a receber a seguinte carta, acompanhada da quantia de 50 escudos:

«Alvaro de Andrade — Desculpa tanto incomodo. Junto remeto 50 mil reis para um velho, uma velhinha e um meudo. Ao teu dispor, João Diabolo».

Em nome dos contemplados agradeçamos.

AGUA DE LUSO

A melhor de meza

Deposito geral em Lisboa

Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefone N. 686

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

ALTEZAS IMPERIAIS

A esposa

e dois filhos

do Kronprinz

estiveram hoje em Lisboa

A Alemanha mudou de regime. O «Kaiser» foi para a Holanda. O Imperio dos Hohenzollern passou a chamar-se Republica Imperial. Mas a familia imperial ficou na Alemanha e todos os alemães sentem por ela a maior admiração e a maior ternura...

Ainda hoje tivemos ocasião de ver como esse culto é grande...

A bordo do «Cap Norte», um esplendido paquete alemão, viajam Suas Altezas a «Kronprinzessin» da Alemanha Cecilie, e seus filhos os príncipes Wilhelm e Ludwig Ferdinand. São Altezas ajeadas agora do Trono Imperial. Mas não apeadas no coração dos seus súbditos. Quando eles passam, os alemães abrem alas, em homenagem. Têm todas as honras que apreciam — aquelas que nascem espontaneamente, sem qualquer fito interesseiro...

A esposa do «Kronprinz» e os seus filhos embarcaram em Hamburgo.

O «Cap Norte» fundeu esta manhã em Lisboa. E ás 9 horas, os ilustres viajantes, acompanhados de Von Krapf e de sua esposa, foram de automovel a Cintra. Ali visitaram a Pena e Monserrate, voltando depois a Lisboa, por Cascais e pelos Estoril.

O passeio demorou mais do que se pensava, e o «Cap Norte» atrasou a hora da partida, á espera deles.

Quando o automovel parou no Terreiro do Paço, onde a aguardava um gazolina, a princeza Cecilia estendeu a mão ao «chauffeur» que a beijou, descobrindo-se respectivamente.

A «Kronprinzessin» é uma senhora alta, forte, de 40 anos, feições onde se lêem uma vontade e uma decisão invulgares. Traz na mão um ramo de lilazes. Veste um casaco de peles. Ao ver os fotografos, abre uma sombrinha, a esconder o rosto. Mas já não vai a tempo.

Os dois príncipes, Guilherme e Luiz Fernando, á roda dos vinte anos, são parecidos com o pai. Altos, magros, traços de energia no rosto. Vestem fardas de marinha.

O nosso gazolina segue o rebocador. E, quando chegamos junto do «Cap Norte», a orquestra de bordo rompe com o hino alemão.

A bordo do «Cap Norte», beijamos a

mão á «Kronprinzessin». Enquanto Reinaldo Ferreira vai falando com os príncipes, em espanhol, a lembrar aquela terra que lhe está vedada pelos seus escritos...

A princeza Cecilie ficou encantada com Cintra. Fala em francês correctissimo:

— Cintra é uma maravilha. Mon-er-ate, a Pena. E sobretudo a paisagem. A margem do Tejo é lindissima. A pena é que as estradas...

Concordamos: as estradas parecem estar apostadas em desacreditar nos perante os estrangeiros...

— Para onde vai?

— Para Tenerife. Ali ficarei com os meus filhos...

— Por quanto tempo?

— Não sei... «Ça depend»...

Uma pergunta melindrosa:

— Vossa Alteza desejaria cingir a coroa imperial?

Um sorriso, um sorriso triste, como resposta...

— E tem esperanças?

— Não sei... Só Deus sabe qual é o nosso futuro, e o futuro da minha querida Alemanha.

Os príncipes são duma argucia e duma curiosidade notáveis. Todo o caminho, foram a conversar com um marítimo da tripulação do gazolina, Antonio Pedro, e a perguntar-lhe coisas.

Como sua mãe, lamentam que as más estradas prejudiquem um pouco a admirável impressão que levam de Lisboa e dos seus arredores.

Algumas fases rápidas da conversa com o príncipe Guilhermo, toda em espanhol:

— Em Portugal ha muitos grupos politicos?

— Uns dez ou doze...

— Tal qual como na Alemanha de hoje.

A guerra civil organizada. Fruta do tempo...

Fala-se da guerra:

— Não compreendo bem porque Portugal foi á guerra. Se não havia qualquer odio entre portugueses e alemães...

Explicamos-lhe porque fomos á guerra, accentuando que realmente nunca houve esse odio...

E, quando lhe perguntamos se a coroa o seduz, Sua Alteza tem esta frase solene:

— Pessoalmente, não tenho interesse algum. O papel dos Reis e dos Imperadores, é um papel de sacrificio, de sacrificio constante, é geralmente mal compreendido. Mas, acima de tudo sou alemão. E, pela nossa querida Alemanha — que espero ainda ver mais poderosa do que nunca — estamos dispostos a todos os sacrificios...

Pelos teatros

Bailados Russos

O empresario do Eden Teatro, sr. Conceição e Silva, acaba de contratar para aquella casa de espectaculo agora convertida num elegante centro de variedades e «Music-Hall», a jan-o-a «Troupe» de Bailados Russos Eltzoff, que vem de realizar, em toda a Europa, uma notabilissima digressão artistica, encusando, onde se exhibe, o maior successo. A «troupe» é constituída por 13 figuras, cinco homens e oito lindas mulheres, sendo todos eles, incluindo o empresario, nobres da antiga Russia, que o boichovismo forçou a abandonar a Patria e a dedicar-se, exclusivamente, á sua Arte, sem quererem saber sequer de politica. Todos os espectaculos deste agrupamento são sempre curtos acoz pela simpatia do publico, tanto mais que os artistas não só exhibem os mais ricos e sumptuosos trajes da sua Patria como trabalham enquadraos em scenarios primorosos.

«Knock»

«Knock» é a obra prima do teatro moderno francês. Ha muito tempo que não surge nos palcos de Paris uma comedia tão intensa de pensamento, tão leve de delectada ironia, tão subtil de paradoxos e tão destruidora de preconceitos. É uma comedia que tem o seu quê de mysterio. Os seus sym-bolos alucinam. O seu dialogo brilhante, seco, ecustico, mas impressionante. Brinca com o espectador, prendendo-o poderosamente a ocultas verdades e a mentiras eternas, sem que ele saiba onde umas comegam e outras acabam.

É esta peça que vai inaugurar o Teatro Novo. O seu successo está já assegurado em centenas de representações. A anciedade com que o publico a espera vai ser inteiramente confirmada pela magnifica interpretação da companhia do Teatro Novo, onde se destacam os nomes de Gut Ferreira e Joaquim de Oliveira.

Maria Barrientos

Realiza-se hoje no teatro S. Luis o segundo e ultimo concerto da celebre cantora Maria Barrientos, que se faz acompanhar pelo pianista Tomás Terán. No programa de hoje entram composições de Granados, Falla, Schubert-Tanzig, Beethoven, Schumann, Handel e outros.

Atrás do reposteiro

A companhia espanhola de operetas e zarzuelas de Pedro Barreto, representa hoje, no teatro Avenida, a peça «A Mariana», com um acto de concerto, em fim de festa. Amanhã dá-nos a opereta «La corte de Versailles» (El duquesito) e, no sábado, a primeira representação do «Sol de Sevilla».

— Em S. Carlos, onde continua com o maior exito a comedia «O sinal de alarme», ensaia-se activamente a velha, mas eternamente linda peça «Sociedade onde a gente se aborrece», em que Lucinda Simões tem uma verdadeira corôa de artista no seu antigo papel.

— Consta que o actor Alves da Cunha, tendo declinado o convite que lhe fôra feito para ingressar no teatro Joaquim de Almeida, pensa em realizar uma «tournee», reorganizando a sua companhia, e tendo como seu secretario o actor Carlos Alves.

— Depois de cinco recitas, realizadas no teatro Garcia de Rezende, em Evora, a companhia dirigida pelo actor Jorge Grave encontra-se presentemente em Estremoz, devendo estrear no proximo domingo no teatro de Faro.

— Madame France-Ellys, que em breve nos visita, representará amanhã, no Palacio Real de Bruxelas, a peça em 1 acto «Cristo e Madalena», original do Barão de Broqueville. É a primeira vez que a grande artista representa para uma plateia de monarcas e diante do todo o corpo diplomatico, a que presidirá o nuncio Mgr. Carretti.

— Será a 11 d'este mês que o actor empresario Armando Vasconcellos realiza a sua festa com o 2.º acto da opereta de Franz Lehar, «O Conde de Luxemburgo» e o programa que temos publicado.

— A actriz-cantora Alice Pancada desempenha, na opereta «Bailadeira», em ensaios no S. Luis, para a festa do actor Vasco Sant'Ana, o papel de «Odette Dornicende».

— Para a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho está traduzindo a comedia espanhola «El autor de mis dias», o nosso colega de imprensa José Sarmiento, actualmente em Espinho.

— O empresario do Salão Foz vai realizar umas «matinées» mensais cujo produto se destina a socorrer os pobres. No mesmo Salão, nas «matinées» vulgares, vai ser distribuido chá ás senhoras que frequentem estes espectaculos.

— O actor Chaby Pinheiro tem recebido varias propostas para este verão, em Lisboa, motivo porque adiou a sua «tournee» pelo pais para setembro. Uma das propostas é da empresa que vai explorar essa temperatura no teatro Nacional.

D.ª LAURINDA ALAMBRE
DOENÇAS UTERINAS-PARTOS-ELECTRICIDADE
CONSULTAS:
Rua Garrett, 36, 1.º E., ás 15 horas.—Tele-
fone C. 3680.
Avenida Conde de Valbom, 54, 1.º ás 11 hora

Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse, catarrros e bronquites
Livres de essencias artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso.

COMPANHIA DOS TABACOS DE POTUGAL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: Esc. 9.000:000\$00

SEDE—Avenida da Liberdade, 12—LISBOA

COMITÉ DE PARIS—Rua Lafayette, 11—PARIS

Fabricas

Em LISBOA: LISBONENSE—R. de Santa Apolonia No PORTO: LEALDADE—R. Costa Cabral
Em LISBOA: XABREGAS—R. Direita de Xabregas Em PORTUENSE—Poco das Patas
Em LOURENÇO MARQUES: AVENIDA CENTRAL Em LOANDA: R. SALVADOR CORREIA

Depositos geraes

Em LISBOA: Rua Direita de Xabregas—No PORTO: Campo 24 d'Agosto, 31

Os tabacos desta Companhia encontram-se á venda em todos os estancos do paiz e das Agencias do Ultramar

Campeão & C.^a

116, Rua do Amparo, 118

LOTÉRIAS

LISBOA

TELEFONE 4058

MATERIAL FERRO-VIARIO

FIXO E CIRCULANTE

COMPANHIA PORTUGUESA DO ULTRAMAR

RUA DO CARMO, 15, 1.º — LISBOA — Telefone C. 1723

Representantes para Portugal e Colonias da importante fabrica alemã

LINKE - HOFMANN - LAUCHHAMMER

A INDUSTRIAL DE CARNES, L.^{da}



TELEFONE
NORTE-5350

TELEGRAMAS:
TRIALCARNES

Sede e Escritorios: 210, Rua dos Correeiros, 212 — LISBOA

COMPRA E VENDA DE GADO SUINO

CONCESSIONARIA
para a venda de

Fiambres e Pasta Foie-grás

de acreditados fabricantes estrangeiros

ARMAZENS E FABRICA

(Instalados em edificio proprio)

Rua da Escola do Exercito, 15

Para fabricação e conservação de:

Chouriço de carne, Chouriço mouro, Salchichas, Linguica, Presuntos, Banha, Toucinho, Unto, etc.

SECÇÃO ESPECIAL

de fornecimentos de navios, encarregando-se de fornecer gado vivo e carnes verdes de toda a especie e

Carne de vaca, salgada
em barris de
50 e 100 quilos

Fornecedora de Empresas de Navegação, Hoteis, Azilos, Rocas e das principaes casas de Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa

Dirigir correspondencia á Séde e aos nossos agentes na Ilha da Madeira os Ex.^{mos} Srs. Henriques & Gouveia—FUNCHAL

BANCO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO

LISBOA

FUNDADO EM 1891

CAPITAL: 10.000.000\$00 — RESERVAS: 11.034.764\$76

Ope ações bancarias de todo o genero

João Rodrigues da Costa L.^{da}

sucessores de

João Candido da Silva

LOTÉRIAS

104, — Rua da Prata, — 106

LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos d'Africa Ocidental e Oriental.—Saídas de Lisboa em 15 de cada mês, para todos os portos da Africa Ocidental.—Saídas extraordinarias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga.

FROTA DA COMPANHIA — Paquetes: «Nyassa», 8.965 ton.; «Angela», 7.745; «Lourenço Marques», 6.355; «Moçambique», 5.771; «Africa», 5.491; «Pedro Gomes», 5.471; «Beira», 4.973; «Portugal», 3.998; «Luabo», 1.385; «Chiade», 1.382; «Manica», 1.116; «Bilama», 985; «Ibo», 884; «Ambriz», 858. (Serviço de cabotagem).

Vapores de carga: «Cubango», 8.300 ton.; «Cabo Verde», 6.200; «S. Tcmé», 6.350; «Dondo», 6.000; «Congo», 5.080.

Rebocadores no Tejo: «Tejo», «Cabinda» e «Congo».

Todos os vapores desta Companhia têm frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. passageiros viagens rapidas e comodas.

Escritorios da Companhia: LISBOA—Rua do Comercio, 85. PORTO—Rua da Nova Alfandega, 34.

AGENTES:—ANVERS, Eiffe & C.^o Quai van Dyck 10.—HAMBURGO, E. Th. Lind, Amsterdam 39 Europahaus P B X 2365—2370.—ROTTERDAM, H. van Krieken, POB 662.

Telefones: — Administração — Chefe do Expediente — Informações — Tesouraria e Passagens — Commissariado e Serviços Medicos — Engenheiros (Cais da Fundição) — Cais da Fundição — Deposito e Armazens.

TEATRO DE S. CARLOS TELEFONE C. 3063
HOJE, às 21,30 (9 1/2 da noite)
Enchentes—Alegria—Entusiasmo
com a graciosa comédia
O Sinal de Alarme
Notabilíssimo trabalho de Lucília Simões
Bilhetes á venda, sem licação,
Fauteuils, 9\$00; camarotes, 40\$00, 30\$00, 20\$00
e 12\$00; galeria, 2\$500.

TEATRO NACIONAL elect. N. 3049
HOJE, às 21-15
GRANDIOSO SUCESSO
com a notável comédia
O Abade Constantino
MAGNIFICO DESEMPENHO
Protagonista—Chaby Pinheiro

Politeama Emp. Luis Pereira
HOJE, às 9-15, rec. do camar. Bernardino Soares
A peça em 3 actos de Martinez Sierra
AMANHECER
CONCEITO de violoncelo por D. Adelaide Vague
CANÇÕES portuguesas por Alexandre de Azevedo
UM MONOLOGO por Nascimento Fernandes
Abre a assinatura amanhã para os assinantes da
Companhia JEAN HERVE, para os espectadores da
"Tournée" **FRANCE LLYSE**
que se realisam de 22 a 27 do corrente.

TEATRO SÃO LUIZ
Empresa A. Ramos, Ltd.
HOJE às 9-30
Último concerto e despedida
da celebre cantora e do insigne pianista
MARIA BARRIENTOS
Tomás Terán
Programa completamente novo

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE LOUREIRO TELEF. N. 4356
HOJE, às 9-15
GRANDE COMPANHIA DE OPERETAS E FEERIES
A peça de grande espectáculo
AS TANGERINAS MAGICAS
Exito inigualavel Absoluto triunfo

O MAIS GIGANTESCO «FILM»

MANDRIN

O Cinema Condes tem esta noite ocasião de mostrar aos seus frequentadores uma das maiores maravilhas do cinema europeu. Trata-se do primeiro episodio da super-série de arte «Mandrin» (o rei dos contrabandistas), extraída do celebre romance historico de Arthur Bernède, cuja publicação em português, em folhetins do *Seculo*, tem causado grande sucesso. Maior ainda deve ser o sucesso do empolgante «film» realizado por Henri Fescourt, sob a direcção artistica de Luiz Nalpas e com o concurso dos magnificos artistas Romuald Joubé, Joanna Sbutner, Jacqueline Blanc, Paul Guidé, Luiz Monfils, Bardés, etc.
Em pleno sucesso «O parente pobre», de Will Roger, e as lindas modas coloridas «San Sebastian elegante».

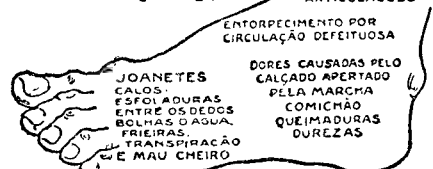
PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

Saes «DERMOXA»

Curam todos os
males dos pés



1.ª venda em todas as farmacias e drograrias
Deposito: **Mario Brandão**
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 99—LISEOA
N. B.—Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e
recusem as imitações que não têm nenhum valor curati-
vo. Laboratórios J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris

EXEMPLOS A SEGUIR

A pequena agricultura ou a constituição dos "bens de familia,"

Meu amigo:
A vaga e errada ideia da constituição do que chamam «bens de familia» ou «casal continuo», imitando uma vaga e falsa ideia da palavra «homestead» e das supostas leis americanas, tem feito perder muito tempo e desorientar os espiritos dos escritores, e de legisladores, dotados de simplismo biblico bastante para daquela formula, e tambem da constituição de pequenas propriedades para todos os esperarem a ditadura e a felicidade humana. Nelles se não vê consideração alguma pelo valor distinctivo dos individuos mais capazes, nem pela differenciação de gente, mercados e culturas, que constituem «in ditavelmente» as garantias possiveis de avanço e solidez social. Para eles é a terra uma especie de loteria do Natal com os bilhetes divididos todos em cautelas com partilha igual dos premios entre muita gente a quem paternalmente proibiriam de gastar o dinheiroinho.

Se lho não proibissem, ele seria gasto vamente com a mesma facilidade e falta de esforço. Não existe, em semelhante sistema, possibilidade alguma de realização. Perde-se tempo e desvia-se das orientações praticaveis os esforços do legislador que, depois de cada lei que faz, se acha exaustão e, por muito tempo, incapaz de encarar novamente os problemas.

A realidade é muito diversa desses atomismos comunitarios. O desmoronar das sociedades patriarcaes, e as grandes agitações agrarias, na Rússia, na Japão, na Romenia e na Bulgaria, temnos passado sob os olhos e continua a dar uma lição de que podemos aproveitar. Nem a estabilidade e usufruto que o Mir, a Zadruga e o Mikado, asseguravam, antes das revoluções, nem a posse individual que estas trouxeram, melhoraram as condições da vida dos incapazes. Elas não favoreceram a bundancia nem a qualidade dos frutos da terra nas mãos dos muitos, inabitais e preguiçosos, e não deram oportunidade de consolidação e melhoramento, aos poucos, habéis e activos. As terras da Romenia, com proibição de venda nos primeiros trinta anos, não produziam mais nem melhor em quanto a Europa Central ali não foi, transitoriamente pagar bem o trigo para o qual elas têm applicação especial.

Recairá na estagnação perante a concorrência e a baixa de preços. Tais são, inabalaveis, as leis, pelas quais a natureza conserva os homens na pobreza se eles não recorrem ao trabalho e a previdência, com esforço proprio e habil. «Inutil, e prejudicial mesmo, é toda a tentativa de legislação que pretenda amparar» e estabilizar essa fraqueza.

«O problema é outro e muito diferente desses.
O que é necessario é que se aproveite o estímulo das sociedades modernas para a concorrência entre os individuos, devidamente instruidos e petrechados, e de modo que não contrariem a influencia educativa dos homens mais energeticos e capazes, os quais, por natureza, serão sempre patrões e mais ricos e influentes. Esta verdade é a base mais solida do grande socialismo moderno e se acha claramente expressa nas declarações dos seus estadistas belgas, escandinavos, alemães, ingleses, americanos e até franceses e italianos. Já ninguém ignora nos países que se salvam do desastre que a todos ameaçou pela subversão a que o seu esquecimento ia levando.

Para esclarecer o que vou dizendo, eu continuarei a série de exem. os mostrando como, e sob que influencias economicas e sociais, o mesmo problema tem tido soluções, diversas, variadas e libertadoras. Não existe a solução, uma e restrictiva, como a concebem os espiritos simplistas a que se referi no começo desta carta. Eles partem do errado principio de que não ha em Portugal um grande numero de iniciativas particulares capazes de se desenvolverem muito bem, e de prosperarem, fazendo escola e guiando o movimento ascensional do país, desde o momento em que o Estado as libertar das suas intervenções e das ameaças contantes sob as quais as tem trazido, e deseducado ha meio seculo para cá. São assuntos para outras cartas. Vamos a, ora aos exemplos da Franca, da Irlanda, da Dinamarca e outras. Em carta especial contarei da «lenda do Homestead» americano!

Em outras me referirei á Alemanha e á sua admiravel compreensão e cultura das classes medias, dos officios e profissões, que são a sua grande força criadora dos homens sabedores que todos nós conhecemos, em todos os ramos de trabalho.

A politica radical de Caillaux supranha, como os nossos sonhadores, que havia em Franca uma grande aspiração para casal continuo e deu-lhe a lei que sorri a todos os radicais, sejam eles ultra socialistas ou ultra conservadores. Os factos vão dar, sem clement, os meus, a melhor resposta a essa ilusão. Eu tinha linho, em qualquer parte, que havia lamentações sobre a cessação do credito aos beneficiados (!?) pelo registo das suas propriedades no rol dos bens de familia continuos. Escrevi ao meu presidente, do Instituto Internacional das Classes Médias, para averiguar sobre o caso, e dele recebi a seguinte resposta datada de 1 do corrente:

«Esta lei não deu resultado». Foi aplicada em um cento de casos, quando muito. O que equivale a dizer que ficou «letra morta». «Muito superiores têm sido os resultados do credito agricola destinado a favorecer o acesso á pequena propriedade». Em 1 de Dezembro de 1924, estavam presos nessas operações 236 milhões de francos e se tinham formado 24.000 novas pequenas explorações rurais. Creio que nenhum comentario pôde melhorar este argumento. Mas pôde ser ampliado, dando-lhe cabimento no plano e proposito destas cartas, que é o de mostrarmos a importancia das classes médias, agricolas, industriais e comerciais, na prosperidade de um país. No relatório do Banco de Franca vê-se que mais de metade dos seus descontos é de letras inferiores a 100 francos e uma grande percentagem é de letras de alguns centos ou milhares de francos, o que mostra quanto ali se cuida de pôr o credito ao alcance das classes onde ha muitos individuos exercendo, com independencia, um ramo de trabalho produtivo.

Em Portugal não ha credito, educação e fomento para as essas classes. Continuemos os nossos exemplos. Eles vão demonstrando, como em Franca, que somente os mercados, com os seus auxiliares — transportes, commercio, credito, liberdade e especialações — asseguram lialmente as soluções dos problemas da pequena propriedade. E antes de continuar com os exemplos, eu chamo a atenção para a manifestação verificação dessa lei em Portugal, onde a grande maioria da pequena propriedade está plantada de vinha e olival, que são culturas para o commercio e pouco mais produzem que se veja, quando afastadas de uma cidade.

A Irlanda teve seculos de desgraça e ruína, odios e emigração tal, que foram para a America muito mais irlandeses do que são os da propria Irlanda. Os camponeses não eram ainda plenamente donos da terra. A politica recorreu a leis de emancipação e levou o país a um estado de caos e estagnação que somente terminou pelo direito de venda. Foi tal o resultado, nos condados onde a selecção pelas compras se fez sem réceios, que muito rapidamente essa parte do país chegou a grande prosperidade agricola abastecendo o mercado inglês em produtos especializados — batata, carnes, lacticínios, etc.

Na Dinamarca, nas ultimas decadas, por acordo geral, fizeram-se leis em auxilio da pequena cultura, facilitando as compras ou os arrendamentos, e com revisão de cinco anos em cinco anos para adaptação da lei a todas as circunstancias. Especializou-se a sua agricultura na produção de lacticínios, criação, ovos, porcos e bois, para os mercados inglês e alemão e a tal ponto que não ha país algum com tal prosperidade agricola.

Para abastecimento dos mesmos mercados, com o auxilio de poderosas organizações de navegação e caminhos de ferro, credito, instrução, organizadores tecnicos, facilidades e incentivos de toda a ordem, colonizaram-se e transformaram-se a Nova Zelandia e a Tasmania, na produção de frutas, lacticínios, carneiros finissimos, e a Siberia e a Finlândia nas mesmas especialidades, na criação e nos pescados.

Regiões de Franca, arruinadas e ressuscitaram por modo parecido.
A sociedade portuguesa está realmente anarquica porque se tem legislado muito sobre agricultura, commercio, industria, sem considerar o fundo tecnico desses ramos de trabalho, tanto nos periodos de protecção e fomento como nos de restricções e perseguição. Ninguém sabe da profissão de que usa o nome.

O Estado tem assegurado o direito á inercia rendosa e contrariado o exercicio de energia tecnica e profissional. Ninguém dela confia o futuro com ideia de sucessão e estabilidade.

De v. etc., José de Matos Braamcamp.

Eden Teatro Empresa Conceição Silva, Limitada
HOJE
Em sessão permanente desde as 8 h. e 3/4 da noite
Estreia
da notabilissima **Cervantina** bailarina
Despedida da notavel **tonadillera e bailarina IMPERIO ARGENTINA**
NOVIDADES E ATRACÇÕES
EM 11 de Abril: SABADO DE ALELUIA
Estreia da TROUPE RUSSA
a mais celebre e completa que anda percorrendo o mundo e composto de 18 figuras
Notabilissimo e variado repertorio de cantos, bailados, transformações, visualidades, etc. Riquissimo e deslumbrante guarda roupa

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356
EMPRESA JOSE LOUREIRO
HOJE, às 9-15, recita extraordinaria da Companhia Espanhola de Opereta e Zarzuela dirigida pelo 1.º actor PEDRO BARRETO
1.ª e unica representação da mais celebre de todas as zarzuelas espanholas
La Marina
Em fim de festa — acto de concerto
Port: Lahera—Fabra—Baareto e Ambet

AVENIDA
Companhia Espanhola de Zarzuela e Opereta
AMANHÃ
La Côte de Versailles
(El Duquesito)

TEATRO SÃO LUIZ
QUARTA-FEIRA 8, às 21
CONCERTO DO ORPHEON ACADEMICO DE LISBOA
com a colaboração de sequeiros dos eminentes artistas
LEA BACH, VIANA DA MOTA
e **COORINA FREIRE**
SABADO, 11—Festa de homenagem a Armando de Vasconcelos — Grande sarau de arte
BILHETES Á VENDA

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—4h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—3 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Utero e anexos—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Raios X—Dr. José de Padua—4 h.
Canero e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4h.

COMPREM!... FATOS
Capas á alentejana
Sobretudos
Calças de fantasia
Fatos para crianças
ou mandem fazer na
Casa das Tesouras
51, 51-A, R. da Escola Politecnica, 53, 55
Peres & Abrantes, Suc



Previnem
Os proprietarios do novo Café Restaurant Moderno, que é inaugurado no dia 4, sabado, que tem á disposição da sua estimavel clientela um confortavel serviço de Almoços, Jantares e Ceias, assim como todo o serviço á lista com preços sem competencia.
43—Rua da Gloria—45
(Frente á Avenida)

DIABETES

E' diabetico quem quere, porque a Diabetes cura-se radicalmente com o

VINHO URANADO PESQUI

que elimina o açúcar do organismo á proporção de um grama por dia

Fortifica, acalma a sede. Evita e cura as complicações diabeticas. E' o mais eficaz e acreditado anti-diabetico. Mais de 25 anos de exitos mundiais. A' venda em todas as boas farmacias e drogarias. Envia-se amostras, quando pedidas, aos srs. facultativos. Para mais detalhes, dirijam-se ao Laboratorio Pesqui, San Sebastian, Alameda, 7 (Suipuscoa), ou aos seus representantes gerais em Portugal.

LIMA, FRAGOSO & C.^A L.^{DA}

R. da Assunção, 99, 1.º—LISBOA—Telefone C. 222

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Carreiras regulares mensais entre o Norte da Europa e Norte e Sul do Brazil, por magnificos paquetes

PASSAGENS A PREÇOS REDUZIDOS

LINHA DO SUL DO BRAZIL:

para Funchal, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DO NORTE DO BRAZIL:

para Pará, Maranhão, Ceará, Cabedelo, Natal, Pernambuco, Maceió, Baía e Vitoria.

LINHA DO NORTE DA EUROPA:

para Havre, Anvers e Hamburgo.

LINHA DE INGLATERRA:

para Liverpool e Avonmouth.

Para passageiros e carga tratar com OS AGENTES

PINTO & SOTTO MAYOR

(SECÇÃO MARITIMA)

LISBOA

Rua de S. Julião, 174, 1.º

Tel. C. 652

PORTO

28, Praça da Liberdade, 29

Tel. 2764

Armazem de Drogas
Tintas, Vernizes, Produtos químicos e Pharmaceuticos
Perfumarias, Brochas e Pinceis

DEPOSITO DO
CASSIONOL
ALVAIADE MARCA
"ANGORA"
ENDEREÇO TELEGRAFICO: ALMÔES

ALVES & SIMÕES

SUCCESSOR, LIMITADA

ESCRITORIO

RUA DE S. PAULO, 216, 1.º 210, RUA DE PAULO, 212

TELEFONE 3028 C.

DROGARIA

TETEFONE 2717 C.

MOTORES ELECTRICOS

Dinamos • Alternadores
TRANSFORMADORES

DA

SOCIÉTÉ ANONYME D'ELECTRICITÉ

Ganz-Budapest

Fios e Cabos para electricidade
— Fios flexiveis cobertos a pita —
Cobre nu electrolitico — Material
electrico — Porcelanas — Candeeiros — Acessorios para T. S. F.

GRANDE STOCK

Preços especiais para revenda

Fabrica de cobertura de fio para electricidade

Empresa Comercial de Maquinas e Electricidade, L.^{da}

Rua da Palma n.ºs 225, 227, 229, 231, 233 e 235

LISBOA

Tele } fone—N. 3580
gramas—DYNAMICA

COMPANHIA CERAMICA DE TELHEIRAS

(Antiga Fabrica J. Lino)

FABRICA AZINHAGA DAS GALHARDAS TELHEIRAS

Telefone: 31—CAMPO GRANDE
Escrit.: LARGO DO DIRECTORIO, 4, 2.º

LISBOA

TELEFONE 5492 C,

"FAVORITA"

Telefone N. 4945

A MAIOR E MAIS MODERNA FABRICA

DE
BOLACHAS
BISCOITOS
CHOCOLATES
CACAUS, BONBONS
E CONFEITARIA

Experimentem os produtos desta fabrica á venda em toda parte

ESTRELA QUE DESPONTA...

A estreia da actriz Maria Helena

filha de Maria Matos e Mendonça de Carvalho

constituiu um notavel sucesso teatral

«O Comercio do Porto»

Critica do nosso presado
colaborador «Edoriza»

A elegante sala do teatro de Sá da Bandeira encheu-se ontem de um publico escolhido e distinto que ali foi assistir não só á estreia da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, como também á de uma novel e gentilissima artista, Maria Helena, dilecta filha daqueles dois illustres artistas.

Ambas as estreias foram brilhantes—a da Companhia, que agradou plenamente, e a de Maria Helena, que pelo seu trabalho cuidado, meticoloso e sobrio, mais parece uma artista de longa carreira do que uma estreante.

Maria Helena é uma lidima esperanza do nosso teatro, uma artista de largo futuro, se os louvores exagerados a não envaidecerem.

«Era uma vez uma menina...» é uma comedia inglesa, ha pouco ainda ouvida no S. João, na lingua de origem, que foi adaptada com graça ao nosso teatro pelo esclarecido escritor Acacio de Paiva.

Maria Matos deu á sua personagem todo o colorido que exige, apresentando um trabalho detalhado como todos os da grante artista. Berta de Albuquerque muito bem. Mendonça de Carvalho muito correcto no seu papel, que fez com muita sobriedade e distincção. Antonio Palma muito bem na sua interessante personagem. José Miranda fez o criado com certa observação e cuidado. Bettencourt Ataíde e Pereira Arriaga, dois artistas modestos, bem como Clotilde Mendes, não desmancharam o conjunto.

Scenario novo de belo efeito; encenação muito cuidada de Maria Matos.

Em todos os finais de acto ouviram-se intensos aplausos a todos os artistas, sendo Maria Helena ovacionada com intenso entusiasmo.

«O Jornal de Noticias»

Critica do distinto escritor teatral
e jornalista Alvaro Machado

Vão as nossas primeiras e mais entusiasticas palavras para a gentilissima estreante do «Sá da Bandeira». E' justo e é humano. Maria Helena, 13 anos, uma flor extremamente linda a desabrochar para a vida e para a arte, teve as honras da noite, as palmas da noite, os elogios da noite.

As excepcionais atenções da critica e os enternecidos aplausos do publico convergiram sobre a encantadora e graciosissima figura de Maria Helena—uma «Gui» adoravel de frescura e de mocidade, frescura sã, mocidade de garrula, cheia de inocentes atrevimentos e de grandiosas virtudes, que dominam o espirito e o fazem prender-se a essa enorme alma de mulher num pequenino corpo de criança...

Maria Helena, senhora absoluta do tablado que pisa á vontade, sem acanhamento nem hesitação, creou desde logo, quasi em começo da peça, uma clara atmosfera de propícios augúrios.

Na plena posse da sua difficilissima personagem, na posse plena de si mesma, dotada de uma prodigiosa maleabilidade fisionomica—excelente mascara, a sua—, a formosa e esbelta filhinha de Maria Matos e de Mendonça de Carvalho conseguiu tornar a ligeira e graciosa comedia um feliz pretextu para nos pôr em contacto com a pureza da sua dicção, com a galhardia das suas atitudes, com o alto valor dos seus recursos histrionicos.

Nunca assistimos, que bem nos recorde, a tão auspicioso debut. Justissimas, naturalissimas, as constantes transições do seu espinhoso «papel». E se no 1.º acto nos agradou em absoluto, no 2.º—o mais trabalhoso em detalhes scenicos—e no 3.º, o de solução, patenteou-nos flagrantemente o seu já assinalado mérito artistico.

Em pouco tempo Maria Helena saberá ganhar no nosso teatro de declamação o logar de superior destaque a que o seu precoce talento ha de ter incontestavel direito.

Eis os melhores votos do auctor destas linhas.

Maria Matos, a illustre actriz, venceu a «Lady Waltan»—uma dama central muito in-



Maria Helena

glesa—com os seguros conhecimentos de quem sabe pormenorizar, interpretar, «viver» a curiosa psicologia da burguezia arruinada mas pletorica de orgulhos mal contidos... Berta de Albuquerque, correcta na desdenhosa «Ethel»; Mendonça de Carvalho, intelligentemente definida no «Jerry»; Antonio Palma, cauteloso e consciencioso comico no «parvenu» «Frederico». Os restantes, com equilibrio, dando ao conjunto a desejada harmonia. A adaptação de Acacio de Paiva simplesmente primorosa. Relevo humoristico, dialogo vivo, «carpintaria» segura. Cuidada encenação de Maria Matos. Scenarios a rigor.

* * *

Durante o intervalo do 1.º para o 2.º acto, Maria Helena recebeu calorosas felicitações de um representante da Academia de Coimbra que veio ao Porto expressamente para assistir á estreia da novel actriz.

«O Primeiro de Janeiro»

Critica de Mario de Figueiredo

Para apresentação da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho e para a estreia da filha destes dois distintos artistas, subiu ontem á scena a comedia «Era uma vez uma menina...» que no mês passado foi representada no Teatro S. João com o titulo «Peg ó my heart» pela «tourné» inglesa.

O entrecho é dum desenho simples. Uma rapariga herdeira duma grande fortuna vai viver em casa duma tia. E' um turbilhão de irrequieta mocidade que passa a alegrar um «ménage» sombrio e severo. Sabendo que é milionaria, os pretendentes afluem. Por fim a rapariga resolve casar com um rapaz que a ama desinteressadamente.

Impressão do desempenho. Todos os olhares convergiram naturalmente em Maria Helena, que escolhera para a sua estreia uma prova difficil e dura de contrastes. E' uma insinuante figura em scena, —olhos escuros e supersticiosos, um sorriso que é uma sinfonia de cores sugestivas. E' o seu primeiro trabalho de folego, revelando uma firme intuição. Afastadas ligeiras hesitações, continuando no aproveitamento modelar das lições recebidas dos seus pais, a Maria Helena está reservado um elevado logar na scena portuguesa. Fundamentalmente cingida á personagem, no seu trabalho de ontem, Maria Helena soube, em tonalidades precisas, ser maliciosa sem maldade, venceu, sem esforço, todas as transi-

Estreou-se no Porto, no teatro Sá da Bandeira, a pequena e joven actrizzinha Maria Helena, filha dos illustres artistas-empresarios Maria Matos e Mendonça de Carvalho. Pelas noticias aqui recebidas e pelas criticas dos jornais do Porto, que abaixo publicamos, Maria Helena—estrela fulgurante de Beleza e de Inocencia, esperanza que se afirma já como um alto valor artistico—obteve um enorme triunfo no seu debut, interpretando, ao lado de seu pae e de sua mãe, a protagonista da lindissima peça ERA UMA VEZ UMA MENINA... (Peg ó my heart), papel de exame para afirmar ou desclassificar um artista. O «Diario de Lisboa», juntando os seus aplausos aos de quantos tiveram o prazer de saudar Maria Helena, tributa á novel actriz as suas homenagens, felicitando carinhosamente seus paes.

ções que vão do riso despreocupado e quasi agressivo ao enternecimento, dando a nota amoravel no meio do seu destrambelhamento de nervos com «nuances» duma esplendida naturalidade.

Cumpriu com galhardia e o publico compreendeu o, numa analise desapassionada, aplaudindo-a com carinho,—aplusos que serão um incitamento para a interpretação de trabalhos futuros.

Maria Matos afirmou os seus recursos intelligentes de artista distinctissima; Mendonça e Antonio Palma, muito correctos. Berta de Albuquerque com distincção. Os restantes, discretos. A scena, num feliz arranjo. «Mise-en-scène» cuidada. Aplausos nos finais de acto. A peça agradou.

«A Tribuna»

Critica do distinto escritor e
jornalista José de Miranda

Fez ontem a sua inauguração no Porto, e no nosso primeiro teatro, a companhia de declamação Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

O acontecimento mais notavel da noite: estreia da novel actriz Maria Helena, graciosissima e dilecta filha dos artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho. A curiosidade em todos se denuncia e a todos domina. Por momentos julgamo-nos regressados aos belos tempos em que as plateias do Porto, exigentes e severas, se aprestavam para decidirem do futuro de um artista que vinha submeter-se ao seu julgamento, nos tempos em que a nossa plateia era a «pedra de toque»...

Sobe o pano. A anciedade desenha-se em todos os rostos. Mais uns minutos e Maria Helena oferecerá á critica o seu trabalho, a sua arte.

E-la que surge. Todas as atenções se fixam nela, atentamente, prescrutadoramente. E a artista vai assenhoreando-se do palco, refeita da primeira hesitação, essa hesitação que só a avalia quem alguma teve de submeter-se a uma grande prova—á prova decisiva...

Quasi subitamente, Maria Helena transfigura-se e, já senhora de si, vai desenhando a personagem que interpreta. A plateia encara-a com simpatia, envolve-a de carinhos, rindo francamente ás suas traquinices de menina selvagem, insubmissa, trazida de longe...

Todos quantos julgavam encontrar a menina prodigio, dessas meninas que são o assom-

bro dos papás e o maior flagelo das pessoas educadas, tiveram uma grande desilusão—uma agradabilissima desilusão.

E' a primeira vez que uma desilusão nos dá contentamento.

Maria Helena não é uma dessas meninas prodigio, capazes de papaguearem um poema inteiro de fio a pavo, sem o menor deslize e sem perceberem absolutamente nada do que reproduziram a contento dos ensaiadores. Maria Helena é uma artista, que hade ir longe. Tem a intuição do que faz e denuncia admiraveis qualidades histrionicas. Já procura dar ao seu trabalho intenção, imprimindo-lhe caracter. Ressente-se, sem duvida, da pouca idade. Mas já vò alto e por vezes faz nos esquecer que ainda agora iniciou a sua carreira.

Maria Helena vinca, com notavel propriedade, as situações dramaticas, tratando-as com intelligencia e superioridade. Será, porventura, essa a tendencia da sua arte? Queremos parecer que sim.

Três actos de uma comedia são prova mais que sufficiente para aquilatar do valor de um artista. Nos três actos se manteve Maria Helena com a mesma elevação, com o mesmo notavel apurmo.

Triunfou, venceu a novel actriz. Daqui lho dizemos com toda a sinceridade, como lhe diriamos o contrario se o sentissemos.

Maria Helena é mais uma estrela que desponta e que dentro em breve hade ser um astro de primeira grandeza no teatro português.

As honras da noite teve-as Maria Helena. Bem as mereceu. A assistencia que, como dizemos, era selecta e numerosa, aplaudiu-a com entusiasmo, galardoando justicilmente o seu trabalho. Para Maria Matos e Mendonça de Carvalho esta noite de consagração de sua filha como actriz, esta noite de baptismo artistico, deve ser uma das maiores e das mais felizes.

A todos felicitamos, como nos felicitamos por nos terem dado o ensejo de louvar uma artista de eleição, ao iniciar a sua carreira, no tão arido como ingrato campo teatral.

ERA UMA VEZ UMA MENINA... é uma peça interessante que merece ser vista.

A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho auguramos uma feliz temporada.

«A Montanha»

Do critico deste jornal

A elegante sala do Sá da Bandeira encheu-se ontem de um publico escolhido, ansioso por assistir á estreia da gentil actrizzinha Maria Helena Matos de Carvalho.

Assistimos á representação de Irene Kelly no «Peg ó my heart». Irene Kelly é uma artista com nome; desenvolta, graciosa, sabendo rir com expansão e traduzir na fisionomia e na voz fresca as turbacões de uma alma, a um tempo sentimental e alacre.

Pois bem: A figurinha saltitante de Maria Helena, seguindo quasi a par-e-passo a marcação de «Peg ó my heart», deu um cunho pessoal ao seu papel que é difficil pelas modalidades de sentimentos a exteriorizar. Maria Helena venceu as difficuldades, triunfou, teve a sua primeira noite de gloria.

Se prosseguir no teatro, ha de ser uma grande actriz; e quando os seus cabelinhos prateados emoldurarem a sua frente e os seus belos olhos recordarem o passado, reverterão as horas de ontem e o quadro imarcescível da apoteose com que o publico a saudou e premiou o seu trabalho.

Bravo, senhorinha!

Alem da heroína da noite, destacaram-se, no «Era uma vez uma menina», Maria Matos, no papel de Lady Waltan; Antonio Palma, no de Frederico; Mendonça de Carvalho, no de Jerry, e Berta de Albuquerque, no de Ethel. Clotilde Mendes, Ataíde, Arriaga e José de Miranda representaram com correcção, contribuindo para o bom desempenho.

Em suma, todos os elementos da companhia são esplendidos e alguns já consagrados. Não fazemos avultar mais os seus meritos, porque o dia é da linda Helena.

Dr. Medeiros d'Almeida

Cirurgião dos hospitais

Doenças dos olhos — Cirurgia

Consultorio: Av. Liberdade 121, 1.º. — 3 h. — Telef. 908 N

Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º. — 5 h. — Telef. 1902 C

Brum da Silveira

Cirurgião dentista

L. Conde Barão, 12, 2.º. — Telef. 1902 C

MOBILIARIO

EM TODOS OS ESTILOS E PREÇOS

VENDIDO

pelos proprios fabricantes

Consultem sempre esta casa

A MAIOR NO GENERO

Salões e salas decoradas Genero antigo e moderno, carpettes, fauteuils, cretones, veludos, oleados e tapetes

Teg. Govêa

152, Avenida da Liberdade, 152

(Junto ao Teatro Avenida)

TELEFONE N. 3412

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

A mais antiga Companhia de Seguros da Escocia AUTORIZADA A TRABALHAR EM PORTUGAL

CAPITAL E RESERVAS Lib. 6,310.000
RECEITA ANUAL EM 1923 Lib. 2,087.000
SINISTROS PAGOS Lib. 19,843.000

Efectuamos:

SEGUROS MARITIMOS, GUERRA, MINAS E TORPEDOS
SEGUROS DE CONSERVAS, INCLUINDO ROUBO E APOLICES FLUCTUANTES
SEGUROS CONTRA FOGO, RAIO, EXPLOSAO DE GAZ
SEGUROS CONTRA GRÉVÉS, TUMULTOS E ASSALTOS
SEGUROS DE AUTOMOVEIS, INCLUINDO FOGO, CHOQUE E COLISÃO
ROUBO E RESPONSABILIDADE CIVIL

AGENTES GERAES PARA PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS:

Corrêa Leite, Santos & C.^a

BANQUEIROS

53, RUA AUGUSTA, 59 — LISBOA — Telephones Central 237 e 558

PAPELARIA CAMOES

DE

Augusto, Rodrigues & Brito, L.^{da}

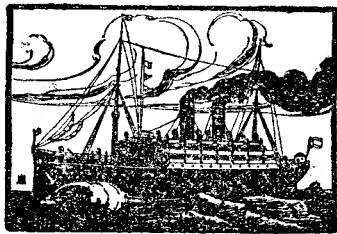
42, Praça Luiz de Camões, 43 — Telef. C. 1040

— LISBOA —

Grande variedade em objectos para escritorio, livros para escritorio e escolares, estojos para desenho, papeis para flores e muitos outros artigos

GRANDE SORTIMENTO DE OBJECTOS PARA PINTURA A OLEO E AGUARELA

SECÇÃO DE TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E PAUTAÇÃO
TRABALHOS SIMPLES E DE LUXO



Vapor "LUNA"

Da casa

Salomão, Benoliel & Azancot, Lda.

Rua do Ouro, 87, 1.^o-E.

Telef. C. 5395

A sair em 15 de Abril

Começa a carregar na muralha de Alcantara no dia 12 de Abril para:

PORTO (Douro), FUNCHAL, LAS PALMAS, SÃO VICENTE, PRAIA, BISSAU, BOLAMA, SÃO TOMÉ, BOMA, NOQUI, MATADI e LOANDA.

Recebe passageiros.

Agentes no Porto

Francisco Ribeiro Cepêda & C.^a

Alameda Basílio Teles, 29 a 33

A JUVENTUDE



vo da calvicie.
Unico depositario:

Drogaria DIAS

Rua dos Fanqueiros, 342 e 344. Agente no Porto: Adolpho Hoffe, Ltd., Rua Sá da Bandeira, 205. — Frasco, 12\$50; pelo correio, 17\$50.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.^o

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.
Cura em pouco tempo a queda do cabelo.
Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.
A Juventude é sobretudo um remédio preventi-

BANCO COLONIAL E AGRICOLA PORTUGUÊS

CAPITAL: 45.000.000\$00

Séde: LISBOA

Telef.	3640 — Direcção	ENDEREÇO TELEGRAFICO GERAL PROCOLONIA	Codigos	Ribeiro
	3641 — Gerencia			ABC — 5. ^a Ed.
	3642 — Expediente			Lieber's Bantiéy's Paterson

FILIAL NO FUNCHAL (MADEIRA)

Sucursais: S. VICENTE (Cabo Verde)—S. TOMÉ-LOANDA-BENGUELA
MOSSAMEDES-LOURENÇO MARQUES-INHAMBANE-MOÇAMBIQUE Agencia em Évora

Principais correspondentes em

PORTO—Pinto & Sotto Mayor

LONDRES—Midland Bank, Ltd.

PARIS—Banque National de Crédit

BERLIN—Deutsche Bank

RIO DE JANEIRO—Banco Português do Brasil

NEW-YORK—Guaranty Trust, C.^o

Correspondentes em todas as localidades de

Portugal--Açores--Madeira--Colonias
Portuguesas--Brasil e Estrangeiro

Representantes no Funchal e em Cabo Verde da

Companhia de Navegação LLOYD BRASILEIRO

COMISSÃO EXECUTIVA

Antonio de Brito

Dr. Eduardo Correia de Barros

Dr. Eduardo Fernandes d'Oliveira

Dr. José Gabriel Pinto Coelho

Henrique Ferreira

DINHEIRO

Empresta-se sobre Jolas, Ouro, Prata, Platina, Fazendas, Maquinas de Costura e de Escrever, Mobílias, Pianos, Antiguidades e tudo que ofereça garantia na

A IDEAL L.^{da}

Rua da Assumpção, n.^o 88, 1.^o—Telef. N. 5180

Esta casa tem uma secção especial para empréstimos sobre AUTOMOVEIS, motos, bicicletas, carruagens, etc.

TOLDOS

PARA
Estabelecimentos, Janelas,
Terracos, Jardins,
Praias

A
ACTIVA

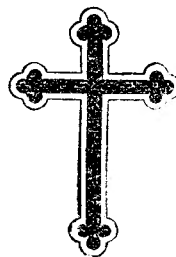
R. 24 Julho, 8

Telef. C. 1601

e 3474

STORES DE MADEIRA

RUA DO SEculo 140



Maria Luiza de Brito e Castro Nery

FALECEU

Dr. José da Costa Nery e seus filhos, Amelia da Costa Nery, Dr. Antonio Sergio de Castro, Maria Amelia da Costa Nery, Etelvina Nery Durão e seus filhos, Manuel da Costa Nery, sua mulher e filhos, Victoria Fernandes de Castro, Margarida Fernandes de Castro e Accacio Fernandes de Castro participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de sua querida mulher, mãe, nora, sobrinha, cunhada e tia, cujo funeral se realiza amanhã, 8, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia rua Ferreira Lapa, n.^o 40, para o cemiterio occidental.

TAPETES DA PONTE DA PEDRA

Unicos depositarios em Lisboa

Brocados, Damascos, Veludos e Peles para estofos

ANTIGUIDADES E DECORAÇÕES

C. de Oliveira, L.^{da}

RUA NOVA DO ALMADA, 53, 2.^o

MAPLES

POR CONTA DO FABRICANTE,
FAZEM-SE A 480\$00 : : : :
FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31. loja 2

HUMAGSOLAN

Cura a calvície e evita a queda do cabelo — Remédio de uso interno
Nas boas farmácias e drogarias

AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO**SAPATARIA DO CALHARIZ**

Sortimento de calçado em todos os generos. Calçado para «sport», Bolas para «foot-ball», etc. Esta casa desafia toda a concorrência em preços

33, Largo do Calhariz, 33
LISBOA

FRANÇA

VAI apresentar á Camara dos Deputados leis financeiras o ministro de Monzie

PARIS, 7

De Monzié, novo ministro das Finanças, expôs hoje no conselho de gabinete, que se realizou no Quai d'Orsay, os projectos de lei destinados a melhorar a situação financeira da França e o estado da tesouraria.

Segundo as nossas informações, o primeiro projecto autoriza o Banco de França a fazer uma nova emissão de quatro milhões de notas.

Como contrapartida deste aumento do limite da emissão de notas, o ministro cria a contribuição excepcional e voluntária sobre o capital; a importância desta contribuição, em princípio, seria fixada em 10 por cento do capital.

A subscrição será produtiva, ao juro de 4 por cento. O produto desta contribuição excepcional será depositado na caixa de amortizações da dívida. Só em ultimo caso e quando os seus projectos não sejam aceites, o ministro encarará a hipótese de uma captação sobre o capital.

O ministro tenciona pedir já amanhã á Camara dos Deputados a discussão destes projectos, sobre a aprovação dos quais será posta a questão de confiança. — (H.)

Os princípios de saneamento financeiro

O conselho de gabinete prosseguiu esta noite no exame dos projectos, preparados pelo novo ministro das Finanças, os quais devem amanhã ser apreciados pelo conselho de ministros, que reunirá no Eliseu, sob a presidência do sr. Doumergue.

Os ministros declararam a s. jornalistas que estavam todos de acordo sobre os princípios do saneamento financeiro e que só estavam por concluir algumas modalidades sobre o detalhe.

A saída do conselho, Herriot convocou a mesa da esquerda democrática e radical-socialista do Senado e a mesa do «comité» director do grupo radical e do grupo radical-socialista da Camara dos Deputados, a fim de lhes comunicar o programa financeiro do governo.

Estes dois grupos constituem o Eixo da maioria do Senado e da Camara. — (H.)

UMA CAUSA CELEBRE

Sadoul

PERANTE o Tribunal de Guerra

No princípio da quinta audiência do julgamento do capitão Sadoul, foi ouvido o sr. Léon Riotor, conselheiro municipal de Paris, amigo da família Sadoul, que testemunha as qualidades do acusado.

Quando Roger Franck ia depôr, surgiu um incidente.

Berton perguntou porque era que os stenógrafos instalados em frente do commissario do governo haviam tomado nota de todas as declarações das testemunhas de acusação e só incompletamente as das testemunhas de defeza. O commandante Grand informou que, os stenógrafos estavam incumbidos, apenas, de auxiliar o escrivão a redigir as actas do julgamento, e Berthon exclamou:

—Mas essas notas serão junta, ao «dossier»; e é por elas, assim incompletas, que se vai julgar Jacques Sadoul. O proprio escrivão não tomou nota de depoimento algum.

—Vi essas notas! — replica o presidente. Estão exactas e por isso as assinei.

Segue-se um dialogo violento entre a defeza e o commissario do governo, e Berthon exige que as notas da audiência a lhe sejam comunicadas. Tão violenta se torna a disputa, que o julgamento tem de ser suspenso em meio da maior emoção.

Reaberta a audiência, minutos depois, o commandante Grand dá explicações, afirmando que as notas pedidas pela defeza não lhe podem ser comunicadas, o que leva Berthon a clamar de novo:

—Isto é uma parodia de justiça. O processo de 1919 continua. Digam então que executam Sadoul, não digam que o julgam!

Novo tumulto, nova suspensão forçada da audiência.

* * *

Meia hora depois depõe M. Moulin, antigo consul da França em Kiew. Afirma que Sadoul o salvou e apresenta cartas de outros francezes que estiveram prisioneiros na Russia, para provar que o réu os salvou também.

Como outra testemunha — M. La font, deputado — affirmassé, referindo-se á missão confiada por Albert Thomas a Sadoul: «Não queriam vê-lo regressar á França!» o coronel Escrienne interrompeu-o para declarar que mesmo sem querer se pode ser desertor.

Maurice Flach, ouvindo tal afirmação, gritou com extrema veemência: —E é sobre isso que o tribunal vai deliberar! O processo, deste momento em diante, está julgado!

Confusão; o tribunal agita-se; a discussão toma tais proporções de violência que o presidente se vê obrigado — pela quarta vez — a suspender os trabalhos.

Quere dizer: é de tal ordem o interesse que esta causa desperta, que se torna impossível aos julgadores e ao publico, por muito que uns e outros procurem dominar os nervos, conseguirem, sequer, que as audiências se façam com a serenidade que a Justiça impõe.

BOXING

Quarta, 8, no Coliseu

4

Grandes Matches

José Santa, contra Geo Morgan
Anibal Fernandes, contra Young Mars
Faustino Pereira, contra Kid Augusto
Ferreira Junior, contra Albano Martins

Geral: 5\$00

BAL-TABARIN "MONTANHA"

Rua da Gloria, 57

HOJE — EM SESSÃO PERMANENTE — HOJE

Grande exito das insignes artistas

MANODELA — Grande cançonetista

JULITA ORELLANA — Eximia bailarina

ANITA CLAVEL — Rainha do couplet

ARTE — LUXO E ELEGANCIA
FINISSIMO GUARDA-ROUPA

Artistas contractadas directamente de Madrid

Este estabelecimento encontra-se aberto desde as 16 horas até ás 5 da manhã.

Jantares completos 12\$00

Ceias 15\$00

ANGOLA**CONVOCAÇÃO**

A Mesa da Reunião Magna dos representantes dos interesses economicos de Angola tem a honra de convidar esses representantes e todas as demais pessoas que, por qualquer outro título, se tenham occupado dos problemas que dizem respeito á mesma Provincia a comparecer amanhã no Centro Colonial (largo do Barão de Quintela, 3, 2.º-D.), ás 4 horas da tarde, a fim de se prosseguir nos trabalhos já iniciados.

São, também, convidados, por este meio, os membros da Reunião eleitos para constituirem as comissões do regimen bancario e da Casa de Angola a comparecerem no mesmo Centro, pelas 3 horas da tarde, a fim de se proceder á instalação e inicio de trabalhos das mesmas comissões.

A MESA DA REUNIÃO

RUSSIA

FÓI descoberta uma organização secreta de alta espionagem que actuava em Minsk

MOSCOU, 7

A policia politica da Russia branca descobriu recentemente em Minsk uma organização de espionagem que trabalhava sob a direcção de Kartchewsky, antigo consul polaco, e que tinha por fim recolher informações sobre as tropas «soviéticas» que se encontram na Russia branca e sobre a actividade das diferentes instituições da União Sovietica.

Kartchewsky, cidadão sovietico, originario da Russia branca occidental, foi preso no dia 30, provando-se que colaborava com Kartchewsky, tendo fornecido pormenores sobre a organização em questão.

Foi aberto um inquerito. — (H.)

Um protesto

do ministro polaco em Moscou

MOSCOU, 7

Uma nota assinada por Tchitcherine e entregue a Kentchinsky, ministro da Polonia em Moscou, contém um protesto energico contra o assassinato de Baguinskyn e de Vetchorkevitch, na presença das autoridades centrais e locais polacas por um funcionario do Estado polaco. Persuadido que o governo polaco ordenará um inquerito rigoroso acerca desta morte e punirá os culpados proporcionalmente ao seu crime, o governo sovietico leva ao conhecimento do governo polaco que a não execução dos compromissos tomados acerca da troca de prisioneiros, dá ao governo «sovietico» plena liberdade de acção, e face dos polacos destinados a essa troca, nos limites das leis em vigor na União Sovietica. — (H.)

Trotsky

é atacado por Boukharine

MOSCOU, 7

Boukharine atacou Trotsky na sessão plenaria da comissão executiva da terceira Internacional, dizendo que o partido comunista russo não pode admitir desvios tão importantes na sua politica.

Afirmou ainda não atacar o individuo, mas a sua tendencia, não podendo os meritos e o talento de Trotsky impedir o partido de travar uma luta de ideais contra a sua falta de apreciação e com preensão do papel dos camponeses.

Boukharine terminou, dizendo que a tendencia do partido é para a ditadura da industria do Estado na economia nacional. — (L.)

MOSCOU, 7

O commissario do povo para o comercio convocou uma conferencia de representantes da industria e do comercio, fazer do um apelo ao capital particular para o seu desenvolvimento. — (L.)

Chapeus Chics

MANON Rua João Crisostomo, 115,
1.º — Telefone N. 5551.

ERA NOVA (casa de pasto)

Fornece jantares aos domicilios a 4\$50.
(Sopa e dois pratos).

RUA DA BARROCA, 92

MAPLES

HA SEMPRE GRANDE VARIETADE, DE OPTIMA CONSTRUÇÃO, PREÇOS REDUZIDOS.

25-A-R. Luz Soriano-27. 1.º E. (do Calhariz)

SCALABITANOS

Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL
RUA AUGUSTA, 70. 2.º

AGUA SALUS (VIDAGO)**FACILITA A DIGESTÃO**

A' venda em toda a parte



Telef. 4190
CHEQUES FALSOS
ACABA M empregando a maquina "TODD"
J. GONCALVES
R. DO AMPARO, 66

LANIFICIOS

PARA FATOS E VESTIDOS

Tecidos para fardamentos

Não comprem

sem confrontar preços e das provincias pedindo amostras aos

Grandes Armazens da Beira

SECÇÃO DE ALFAIATE

20-22, R. dos Retrozeiros,

24-26

(Esquina da R. dos Fanqueiros)



CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	98\$50	98\$75
Paris	—	1\$07
Madrid	—	2\$90
New-York	—	20\$65
Amsterdan	—	8\$27
Suica	—	3\$95

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	1\$03,5	1\$01
Italia	—	\$85
Praga	—	\$62
Brazil	—	\$38
Libra esterlina	100\$00	110\$00
Agio do ouro	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

OUTRA

sessão

que termina

por não se arranjar

numero suficiente

Nós tínhamos o direito de comentar, porque somos dos que se sacrificam para estar na Câmara a horas certas e regimentais. E nós não somos deputados...

Mas, dentro da missão que nos compete, apenas vamos reproduzir o que houve e o que se passou.

No relógio da Câmara, que anda sempre atrasado, eram 15 horas, quando o sr. Domingos Pereira, cumprindo o regimento, mandou fazer a chamada.

Dela se encarregou o sr. Baltazar Teixeira que a fez com aquelas «ruminâncias» que é de uso, nas ocasiões difíceis.

Durante quasi 30 minutos, o sr. Baltazar Teixeira foi batendo os nomes como matracas, o que não admira, porque estamos em semana de trevas.

Finda a chamada, entrou o sr. ministro do Interior, que voltando-se para a mesa fez a declaração seguinte:

—Vem aí mais dois!

O sr. Domingos Pereira é que não quis saber, porque, fiel cumpridor do regimento, mal o sr. Baltazar Teixeira inscreveu o numero dos presentes, chamou a si o papel e declarou:

—Estão presentes 32 senhores deputados. Não ha numero. A proxima sessão é no dia 14.

* * *

Notas a registar:

Do governo apenas estavam os srs. ministros do Interior e Justiça.

O sr. Julio d'Abreu queria que se publicassem nos jornais os nomes dos que faltaram. Pedimos-lhe os nomes, mas s. ex. depois de citar dois, recusou-se a dizer os restantes.

O sr. Carlos de Vasconcelos, entrando na sala, depois de levantada a sessão, comentou:

—Em eu faltando, já não sessão!

A proposito, o sr. Carlos de Vasconcelos declarou-nos que as noticias que vêem em alguns jornais, sobre a sua adesão ao partido democratico, não são precisas:

—A minha adesão já foi aceite ha oito dias, e por isso o Directorio não tem que se pronunciar sobre ela.

A ausencia do sr. Torres Garcia era hoje comentada na Câmara, afirmando-se que a ausencia do relator da Comissão de Comercio e Industria se filava em razões diferentes daquelas que foram apresentadas no telegrama que mandou ao presidente da Câmara.

Não era a falta de saúde, mas sim discordancia com aquilo que se pretende fazer. Regista-se.

A sessão foi marcada para o dia 17, mas todos afirmam que nesse dia não haverá sessão.

O concerto

do Orfeon Academico de Lisboa

Tem um brilhante programa o concerto que o Orfeon Academico de Lisboa, sob a direcção do maestro Herminio do Nascimento e com a colaboração dos artistas Lea Bach, Corina Freire, Varela Cid e Viana da Mota, realiza amanhã no teatro S. Luis.

"LA FEMME DE DEMAIN"

ATELIER DE VESTIDOS PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Preços modicos

R. Souza Martins, 14, 2.º, E. (Ao Matadouro)

SALUS (VÍDAGO)

A melhor das aguas

ALCALINO-GAZOZAS

A TARDE POLITICA

Os partidos

e os grupos politicos

em face das eleições

As eleições estão proximas. Na hipotese de as marcarem para Outubro, mesmo assim podem dizer-se proximas. A meio ano.

Os partidos, grupos, correntes e opiniões politicas agrupadas—em Portugal—são muitos.

Tanto pode significar isto dissolvença e indisciplina, como liberdade e isenção. Tanto pode ser um mal, como um bem. Não curamos aqui do bem ou do mal.

Esta dispersão de opiniões é o reflexo de uma epoca de incertezas, de credos mal fundamentados em quadros politicos. Ninguém se sente firme; ninguém está contente.

Partimos do principio de que todas as facções e correntes de opinião são sinceras. Se delas fazem parte individuos que não dão garantias de firmeza e lealdade politica—arranjistas e oportunistas—as ideias que nor-teiam essas opiniões permanecem impolutas.

A titulo de curiosidade damos um esquema da divisão de opinião e credos dentro do estado actual da politica portuguesa.

* * *

Esclarecemos já que ha duas forças, uma organizada, que é aquela a que nos referimos no esquema abaixo, e outra desorganizada ou livre, e que não se pode computar. Isto á margem dos «indiferentes», que é coisa diversa dos «independentes».

Ha o partido democratico, o mais forte e enquadado partido do regime, e da nação, mesmo.

Subdivide-se assim:

Democraticos da esquerda (de que é leader o sr. José Domingues dos Santos), democraticos da direita (de que é chefe o sr. Antonio Maria da Silva, democraticos do centro ou puritanos, que desejam manter a hegemonia do partido, e que não tem chefe indicado, agindo segundo as circunstancias de momento, no intuito de não prejudicarem a marcha parlamentar e executiva do regime e de manter a unidade partidaria.

O partido nacionalista, conservador, segunda força do regime: inclui antigos unionistas, antigos evolucionistas, antigos liberais, antigos presidenciaistas ou sidonistas, alguns antigos reconstituintes, e ainda os antigos centristas.

O partido radical, por sua vez, na sua organização, dividido em duas correntes mal expressas, e resultantes do ultimo Congresso de Coimbra.

O grupo da acção republicana, da orientação do sr. Alvaro de Castro, que soma alguns liberais antigos e reconstituintes.

O partido socialista, tambem dividido. Ha neste partido as correntes intervencionista e a corrente tradicionalista menos maleavel.

Modernissimamente, ha ainda o grupo, que se chama nucleo reformador, o que se prepara para intervir eficazmente nas lutas politicas.

Ha a C. G. T., entidade acentuadamente trabalhista, e na qual tambem se expressam, senão correntes definidas, pelo menos opiniões fortemente combativas.

Temos os comunistas, que se ligaram á esquerda democratica, não se sabe se definitivamente, ou com meros intuitos de conquistar posições. Tudo isto, na extrema esquerda do regimen. E contam-se ainda os anarquistas, que não votam, os da velha maneira, mais que independentes, absolutamente livres de compromissos.

Reparações garantidas em todas as maquinas de escrever e calcular

OLIVER, LTD.

Rua da Prata, 250, 2.º

Telefone N. 3158

CIGARROS EGIPCIOS finos e aromaticos de nas boas tabacarias e na V.

"ARAKS,"

são os mais fama mundial, CONTRERAS & FILHO

O ASSALTO AO COBRADOR

FORAM

presos

os culpados

sendo apreendidos

oito contos de réis

A policia guarda o maior sigilo sobre as diligencias a que procedeu durante o dia de ontem e a madrugada de hoje, a fim de capturar os individuos que ontem, em pleno dia, assaltaram e roubaram o cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca, sr. Eduardo da Costa.

Assim que se teve conhecimento do caso, immediatamente se telefonou para varias esquadras a fim de serem detidos todos os «side cars», bem como os seus passageiros.

O chefe Tavares, com uma brigada de agentes e auxiliado pelos seus colegas Xavier e Alfredo Maria, seguiu de auto-movel em direcção á estrada militar, onde os soldados lhe impediram a passagem, por não levarem autorização do general.

Apesar deste obstaculo, a policia não desanimou e continuou as suas pesquisas durante o dia de hoje. De madrugada, foi simulado um assalto aos «clubes», para não causar suspeitas o facto de se encontrarem muitos agentes nas ruas.

* * *

A policia tem conhecimento da existencia duma quadrilha de bandidos, dispostos a matar e a roubar, para depois se afastarem do paiz. Esse grupo não val além de 50 individuos, os quais se reuniram ontem de tarde, depois do assalto ao cobrador da Companhia Portuguesa de Pesca, para dividir a importancia do roubo e dos assaltos feitos a diversas casas bancarias.

A maioria destes individuos são gatu-nos com cadastro na policia, e que conseguiram filiar-se na «Legião Vermelha», para assim poderem praticar toda a série de banditismos.

Ontem, cerca das 8 horas, um dos chefes da policia entrou no café da Brasileira do Rocio, acompanhado de alguns agentes, tendo conversado com varios membros da «Legião Vermelha».

De madrugada, 15 agentes da policia de Investigação e de Segurança procederam a uma rigorosa rusga nas freguesias de Monsanto, na Cascalheira, nos Terramotos e na Rua da Palma, onde cercaram a casa dum individuo muito conhecido que foi preso de manhã quando saiu.

* * *

Estão presos alguns individuos, entre eles Adriano de Figueiredo e o conhecido joven sindicalista Alvaro Damas. A policia tem quasi descobertos os autores do assalto, e se lhe fossem dados todos meios indispensaveis para «la poder trabalhar, a esta hora já se encontrariam presos todos os individuos implicados no caso.

Um dos passageiros do «side-car» misterioso esteve ontem no Jardim da Estrela a conversar com alguns individuos. A's cinco horas da tarde, os assaltantes estiveram no Rocio, tendo se, porém, posto em fuga assim que avistaram a policia.

Os agentes que têm tratado deste caso, classificam-no da diligencia mais perigosa da sua vida, mas não desistem de a levar a cabo. Alguns desses agentes com quem falamos, lamentam que a familia do agente Araujo que foi vitima do seu dever, tenha que recorrer todos os meses á caridade dos colegas da sua familia, pois a pensão votada pelo Parlamento ainda lhe não foi paga.

* * *

Alvaro Damas, foi reconhecido por varias testemunhas como sendo um dos passageiros do «side-car», que deu um soco no cobrador. A Mario da Silva que tambem se encontra preso, foram apreendidos 8 contos. A policia procura o conhecido gatuño «Carlinhos de Alfama», que tem um «side-car» na praça e que se presume que tenha sido o «chauffeur» do misterioso veiculo.

* * *

Ao fim da tarde, foi preso com o implacado no assalto ao cobrador Costa, o conhecido sindicalista Arsenio José Filipe.

* * *

Ha ordem de prisão contra o «Avante» e o «Bela Kuhn», que são acusados de irem á casa Burnay exigir dinheiro, intitulando-se chefes da «Legião Vermelha».